McKEW PARR COLLECTION

MAGELLAN
and the AGE of DISCOVERY

PRESENTED TO
BRANDEIS UNIVERSITY • 1961

FERNÃO DE MAGALHÃES

Com um prefácio

de

JÚLIO DANTAS

EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA

125, Rua dos Retroseiros — LISBOA

ESCRITOS LITERÁRIOS E POLÍTICOS

DE

J. M. LATINO COELHO

Coligidos e publicados sob a direcção de Arlindo Varela

FERNÃO DE MAGALHÃES

J. M. LATINO COELHO

Fernão de Magalhães

Precedido dum prefácio

DE

JÚLIO DANTAS

Com um retrato do autor por António Carneiro

EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

ADVERTÊNCIA

Por ocasião do falecimento do insigne escritor e académico José Maria Latino Coelho, outro escritor ilustre, que lhe sucedera no cargo da Academia e, por ventura, no primado literário — Pinheiro Chagas, celebrando em termos eloqùentes os dotes excepcionais daquele peregrino entendimento, lembrou que prestaria um serviço de-veras útil às letras pátrias quem se votasse ao trabalho de coligir, «ainda fazendo a mais severa selecção», os artigos que êle deixou profusamente dispersos pelas diferentes publicações periódicas em que colaborou, — artigos que, ao parecer do saudoso autor da *Morgadinha*, mais

que os próprios livros «dão a idea do prodigioso estilista».

Nas principais revistas e fôlhas diárias, que no seu tempo se publicaram entre nós, versou, com efeito, o exímio polígrafo os mais variados e complexos assuntos, — economia social, administração pública, política geral, sciências militares, filologia, história e crítica literária, crítica de arte, pedagogia e instrução pública, costumes nacionais, etc., etc., espalhando assim pelas colunas dessas publicações verdadeiros primores literários, nos quais não sabemos que mais admirar — se os tesouros da mais vasta e selecta

erudição; se a graça e aticismo dos conceitos; se a venustidade e magnificência do estilo; se a textura e o recorte lapidar do período; se, finalmente, a riqueza, correção e vernaculidade da linguagem, lídimamente portuguesa.

Decorrido mais dum quarto de século, sem que ninguêm se determinasse a pôr por obra o alvitre de Pinheiro Chagas, resolveu a *Empresa Literária Fluminense*, por sugestão do obscuro signatário destas linhas, devotado admirador de Latino Coelho, meter ombros a tal empreendimento, não tanto pelo que em si êle possa ter de lucrativo, como principalmente no

intuito de salvar do esquecimento, a que estão desde muito votadas, tantas e tantas preciosidades literárias, que, na frase conceituosa do escritor já citado, constituem as «pérolas mais inestimáveis do rosicler» do sábio autor do *Elogio do Barão de Humboldt.*

Para a realização de tal empreendimento, teem já sido diligentemente coligidos grande número de escritos literários e políticos, de cuja autoridade não é lícito duvidar, os quais fornecem material suficiente para mais duma dezena de volumes.

Em tão farta colheita incluem-se também,

a par dos artigos de publicações periódicas, alguns opúsculos que viram a luz em separado, várias prefações com que o doutíssimo homem de letras enriqueceu trabalhos alheios, e bem assim os seus principais discursos parlamentares.

Na reprodução dos respectivos textos tem sido observada, como cumpria, a mais escrupulosa fidelidade; mas, pois que entre êles se notam amiude formas ortográficas divergentes, algumas das quais absolutamente injustificáveis, e que antes se devem levar à conta de meros lapsos de revisão, pareceu mais acertado ado-

ptar uma grafia uniforme, tomando-se por base a que foi empregada pelo próprio autor numa das suas obras mais justamente apreciadas — a versão magistral da *Oração da Coroa* (*).

Cada um dos volumes desta colecção será prefaciado por escritor de comprovada autori-

---

(*) DEMOSTHENES, *A Oração da Coroa, versão do original grego, precedida de um estudo sobre a civilisação da Grecia,* apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, por José Maria Latino Coelho, secretario geral interino da mesma Academia. Lisboa, Typographia da Academia, 1877.

dade; e, sempre que haja de compor-se de escritos diferentes, na sua coordenação, mais que à ordem cronológica, atender-se há, quanto possível, à afinidade dos assuntos.

Assim sumáriamente exposto o fim que a *Empresa Literária Fluminense* tem em vista com a nova publicação, e o modo por que entende dever levá-la a efeito, inicia ela a série dos volumes, que se propõe dar à estampa, com o que é consagrado ao grande navegador **Fernão de Magalhães.** Prefacia-o a pena elegante do aplaudido escritor sr. dr. Júlio Dantas, que, num breve mas primorosíssimo es-

côrço, nos deixa ver, sob os seus multíplices aspectos, a alta individualidade literária de Latino Coelho.

Lisboa, 15 de Fevereiro
de 1917.

ARLINDO VARELA.

LATINO COELHO

José de Souza Monteiro, pronunciando, na sessão académica de 11 de dezembro de 1898, o elogio histórico de Latino Coelho, fixou, com muita agudeza critica, as caracteristicas fundamentais da sua mentalidade. Latino não foi grande como homem de acção; não foi grande como pensador: mas foi formidável como estilista. Tinha, em poder de expressão verbal, o que lhe faltou em qualidades criadoras. Era, na frase de um dos seus mais espirituosos contemporâneos, — «um estylo á procura de um assumpto».

A prosa portuguesa deveu a Latino Coelho, como já devera a Garrett, o milagre de dextreza, de flexuosidade, de transparência, de equilíbrio, de bom gôsto, que tornou possíveis, mais tarde, a elegância «gant-jaune» de Eça, o virtuosismo incomparável de Fialho. Foi êsse brilho, essa fluência, essa facilidade, êsse admirável poder de síntese, essa indiscutível fôrça de sugestão literária, que fizeram a glória do Latino-jornalista, do Latino-crítico, do Latino-académico, do Latino-historiador, — do próprio Latino-tribuno, que não

poderia, talvez, segundo o afectuoso exagêro de Teixeira de Vasconcellos, «comparar-se a Cicero e a Mirabeau», mas cuja eloqüência elegante, persuasiva, sóbria, irónica, eminentemente literária, rica em conceitos e em epigramas, em descritivos e em contrastes, era uma revivescência, menos retórica de-certo, da casaca verde-bronze e da tabaqueira de oiro de Garrett.

Foi o estilo que fêz o maravilhoso poder dêste homem. Foi o esplendor da palavra que o tornou imortal. «Pour ècrire en prose, il

faut avoir quelque chose à dire»,—afirmou um dia Maupassant. E, entretanto, a leitura de tôda a obra de Latino Coelho, desde o «Elogio de Humboldt» até à «Vida de Cervantes», desde os artigos da «Revolução de Setembro» até à «Historia politica e militar de Portugal», dá-nos a impressão viva, a impressão flagrante de que Latino não procurava um estilo para os seus assuntos,—mas procurava assuntos para o seu estilo. «Escrevo por habito, escrevo por prazer,—pela mesma razão por que os outros

caçam, por que os outros dançam, por que os outros jogam o xadrez», — disse êle, em 1860, na sua carta a Teixeira de Vasconcellos.

Sente-se, em tudo quanto Latino escreveu, — a volúpia intelectual do escritor. Todos os assuntos, todos os temas, tôdas as oportunidades lhe servem para divagações torrenciais de estilo, — os discursos académicos e a «Oração» de Demosthenes, a biografia de Castilho e o livro de D. Senibaldo de Mas. A sua cultura universal, a sua memória assombrosa, o seu indestrutível espírito de método foram ou-

tros tantos elementos para o sucesso literário de Latino. Nunca a palavra «erudição», vagamente criada pelo espirito de cultura monástica do século XVIII, encontrou no nosso país uma expressão mais vasta e mais perfeita. Latino leu tudo, conheceu tudo, estudou tudo, assimilou tudo, e soube arrancar a tudo aquilo que leu, que conheceu, que assimilou, que estudou,—a espuma, a flor, a scintilação, a graça. Geólogo, mineralogista, matemático, engenheiro, historiador, crítico, filólogo, homem de gabinete e homem de Es-

tado, — tinha a mesma elegância, a mesma dextreza, o mesmo brilho incomparável de frase, classificando um minério ou fazendo um discurso político, interpretando um texto grego ou descrevendo uma fortificação de Vauban. Foi o universalismo da sua cultura, foram as impersistências de «uma organisação excentricamente nervosa», — êle próprio o diz, — que tornaram a obra de Latino uma obra essencialmente fragmentária e dispersiva. O melhor do seu talento, o mais pessoal e o mais vivo do seu estilo inconfundível, está

espalhado, ao acaso, pródigamente, por jornais e revistas, por memórias académicas e por fôlhas periódicas avulsas,—desde o «Farol» até ao «Panorama», desde a «Emancipação» até à «Revista Popular», desde a «Epoca» até à «Revolução de Setembro», desde as fôlhas ingénuas da «Semana» até às nobres páginas do «Archivo Pittoresco». Reunir tôda essa obra dispersa,—é revelar Latino.

No momento em que a figura do grande escritor começa a ser para nós uma sombra

apagada e longínqua, — a restituição integral do seu génio literário é um dos maiores serviços que podem prestar-se às letras portuguesas. Êsse serviço inestimável está-o prestando agora, com uma inteligência e uma solicitude que a honram, a «Empresa Literária Fluminense». Tôda a obra de Latino vai ser reunida, organizada e publicada sob a direcção competentíssima do professor sr. Arlindo Varela. Ao presente volume, constituido pelas notícias biográficas e pelo admirável estudo àcêrca de «Fernão de Magalhães», outros se se-

guirão regularmente:—«Garrett e Castilho»; «Cervantes»; «Elogios academicos (Humboldt, Rodrigo da Fonseca, D. Frei Francisco de S. Luiz, José Bonifacio)»; «Discursos»; «Figuras contemporaneas»; «Criticas de Arte»; «Apreciações Litterarias», etc. É grande o projecto? Disse-o Adam Mickiewicz:—«Mesure tes forces à ton bout, et non ton bout à tes forces».

JÚLIO DANTAS.

BIOGRAPHIA

José Maria Latino Coelho (*)

I

Estes apontamentos biographicos dizem respeito ao sr. José Maria Latino Coelho, official do exercito, professor, jornalista, poeta, deputado, orador e socio da Academia Real das Sciencias de Lis-

---

(*) Bem que não seja uma biografia completa de Latino Coelho, damos cabida neste lugar ao presente artigo, transcrito da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, vol. II (1860), por ser êle que suscitou a interessantíssima carta autobiográfica, adiante publicada.

A. V.

boa. A poucos homens deu a opinião publica direito mais incontestavel a occupar um logar n'esta galeria, n'esta especie de antiga sala de espera, onde se vão pendurando, um a um, os retratos de quantos honram a nossa casa portugueza.

O homem de quem o exercito aguarda valiosos serviços, de cuja instrucção a mocidade estudiosa conta aproveitar-se largamente, cuja facilidade e cópia inexgotavel todos os periodicos cubiçam para si, cujos ensaios poeticos só careciam de perseverança para alcançarem uma corôa, cuja auctoridade politica se firmou de si propria, cuja palavra eloquente ganhou desde logo a sympathia publica, e cuja aptidão litteraria a Academia se apressou a perfilhar, merecia, por certo, penna mais auctorisada do que a nossa.

Não sabemos se nos perdoarão a ousadia de tomarmos sobre os nossos hom-

bros esta tarefa. Conhecemos quanto é difficil cumprir com o que está pedindo a qualidade do sujeito, e o amor tão justificado que lhe tem esta boa cidade e todo o reino, mas não nos foi dado hesitar. Tivemos que obedecer á vontade de um amigo a quem ás vezes o muito grande affecto com que nos distingue, faz crer que somos para mais do que realmente podem as nossas forças.

Podiamos resistir. Não quizemos. Custava-nos ter de ceder para outras mãos um dos mais formosos pendões de exercito litterario de Portugal, e no fim de tudo — depois de um severo exame de consciencia — viemos a entender, que se nos faltavam algumas das qualidades necessarias para o assumpto, sobejavam-nos outras que talvez darão maior realce a esta noticia.

Ha homens a quem a camaradagem

litteraria faria incorrer em suspeição perante o publico ao escrever ácerca de um mancebo tão querido de todos. A longa ausencia em que a nossa má estrella nos trouxe da patria, e a que ainda hoje nos condemna de novo, põem-nos fóra do alcance d'esta accusação. Admiramos muitos dos nossos compatriotas. Amamos a todos. Não somos camaradas de nenhum.

Ha homens que parecem ajustados com o visinho a celebrarem-lhe os dotes, e a serem glorificados por elle, e que na sala de armas litteraria só sabem cruzar ponto de admiração com ponto de admiração. Não somos d'esses.

Ha homens a quem tudo desagrada, que estão sempre dispostos a censurar, ás vezes o que não entendem, e muitas o que não eram capazes de fazer; homens de mau humor litterario, que ou querem

em demasia ás lettras ou a si proprios. Tambem não somos assim.

Ha homens invejosos de todos os triumphos litterarios, a quem faz falta o ar que os outros respiram, e que cuidam que se acabam as palmas, quando a mão da publica opinião ceifou algumas para um mortal qualquer. Não somos invejosos. Só teriamos inveja a quem o fosse menos de que nós.

Ha homens que se declararam rafeiros do campo das lettras patrias e estranhas, e que refilam o dente a quem pretende abrir o escangalhado cancello que outr'ora vedava a entrada, e que hoje até cevados deixa passar a revolverem e a estragarem tudo. Não temos dentes para tão continuado exercicio.

Veneramos o talento, admiramos a instrucção que o apura e desenvolve, e acatamos com respeito profundissimo a

applicação proficua d'esses grandes dotes, a constancia no trabalho, o bom senso na direcção, e a utilidade dos resultados. Ahi paramos gostosamente em contemplação extatica, descobrimos a cabeça, e saudamos com vivo prazer de alma, e com um sentimento de orgulho nacional, que cada vez é mais vivo no nosso coração.

Agora que démos conta do assumpto d'este pequeno escripto, dos motivos que nos moveram a tomal-o a nosso cargo, e das qualidades que nos assistem na empresa, é tempo de pedir que se esqueçam de nós, e que attendam unicamente á succinta e incompleta noticia que vamos dar do cavalheiro, cujas feições espirituosamente finas a «Revista» estampou hoje na sua primeira pagina.

II

O sr. José Maria Latino Coelho está proximo de trinta e cinco annos. A *Revista Peninsular* de Janeiro de 1856 diz que nascêra em Lisboa a 29 de Novembro de 1825. Seu pai, João Alberto Coelho, era capitão de artilheria e professor de mathematica. Foi elle quem deu os primeiros cuidados á educação litteraria de seu filho. A historia ha-de lançar na folha das dividas nacionaes em favor d'esse cavalheiro uma parte do muito que o seu feliz educando já tem dado, e está ainda promettendo á nossa terra. A mãi do sr. Latino Coelho é a sr.ª

D. Maria Henriqueta Latino Martins de Faria Coelho.

Os primeiros annos do sr. Latino Coelho indicaram o muito para que havia de ser este menino a cujo impulso se abriam tão facilmente as portas do saber. A presteza com que, em um anno de estudo, fez sua a lingua latina, maravilhou os proprios mestres. Está o latim collocado no cabo tormentoso que separa do ensino primario a instrucção secundaria, e muitos dos que emprehendem a viagem desanimam deante do vulto horrendo d'este fero Adamastor. O sr. Latino Coelho não careceu de grande esforço *para lhe arrostar as iras e para ouvir sem medo*

Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella,

verdadeira procella de regras de arte, de significados, de themas, e de mil outros trabalhos cansativos e fastidiosos. Com a lingua de Hesiodo e de Homero houve-se com egual denodo e com aproveitamento notavel.

Esses progressos, que podemos chamar infantis, encontramos registrados no periodico que já citámos. Ali nos deixou um amigo do sr. Latino a prova mais valiosa do alto conceito em que o joven estudante era tido pelos seus mestres, quando apenas contava doze annos. Presidia aos exames do Lyceu de Lisboa o nosso eximio Francisco Freire de Carvalho, e, quando chegou a vez do sr. Latino, o illustre professor disse-lhe: *Eu não lhe faço perguntas. Queira discorrer sobre qualquer ponto da sua escolha.* Tanta era já, exclama com razão o biographo, a fama da sua applicação, verbosidade e desem-

baraço! Grande devia ser com effeito, para que tal mestre ousasse sujeitar esses dotes á prova de uma dissertação *de omni scibili!*

Aos treze annos começou o curso da Escola Polytechnica. N'esta carreira scientifica, cujas difficuldades e rigor de exames são proverbiaes, estava reservada para o sr. Latino Coelho a mais abundante colheita de palmas de que ha memoria nos fastos escolares. Em nove aulas obteve o primeiro premio, da de calculo saiu tambem com distincção, e na de introducção á historia natural alcançou o primeiro logar. E mais eram onze disciplinas differentes, para cujo estudo se concediam apenas quatro annos!

Da Escola Polytechnica passou para a do Exercito, ao qual já pertencia desde o seu assentamento de praça no regi-

mento n.º 16. Nomeado alferes alumno, continuou os estudos militares, e n'elles ganhou distincções não menos valiosas. Foi então despachado alferes effectivo, quando já tinha conseguido ser provido na substituição da cadeira de mineralogia e de geologia da Escola Polytechnica, depois de um brilhantissimo concurso publico, que ainda não esqueceu. Em 1851, foi promovido a tenente de engenheiros pelo Marechal Duque de Saldanha, constante protector de quantos podem contribuir para a gloria e para o aperfeiçoamento do Exercito Portuguez.

Duas das mais distinctas escolas do reino honravam-se de ter contado no numero dos seus alumnos este mancebo, que entrára então nos vinte e seis annos. A Escola Polytechnica mostrava-o na lista dos seus professores, como espe-

rança viçosa de gloria para ella, de desenvolvimento para a sciencia, e de proveito para a mocidade. No exercito o seu nome era citado com o apreço que tão inquestionavel aptidão concilia sempre. O governo via com gosto paternal transformar-se em arvore frondosa a tenra planta que nos jardins officiaes do ensino despontára com tão esplendido viço.

III

O publico é que não estava satisfeito. Habituado a ver manifestar na imprensa periodica as primicias de todos os engenhos, admirava-se de não encontrar ali o nome do sr. Latino Coelho; invejava a fortuna da Escola Polytechnica, e queria que dos fructos de tão vasto engenho lhe fosse destinada uma porção. Amiudavam os convites, mas a modestia quasi sempre inseparavel do verdadeiro saber, ou a deliberação formal de consagrar-se inteiramente aos seus deveres de professor, arredou por muito tempo da arena

jornalistica o joven tenente de engenheiros.

O biographo da *Revista Peninsular*, que, por nos parecer bem informado, seguimos n'estes apontamentos, attribue a um *padecimento nervoso, a uma melancholia entranhada e invencivel* a resolução tomada pelo sr. Latino Coelho de entrar na redacção do *Farol*, bem que já a esse tempo a *Epoca* tivesse tido a fortuna de publicar algumas delicadas poesias do distincto professor. Foi em principios de 1849 que o sr. Latino Coelho encetou a carreira de escriptor litterario e politico, e desde os primeiros ensaios mostrou logo com quanta rapidez e facilidade a devia percorrer, deixando após si muitos que de longa data o precediam. O *Farol* em que, se a memoria nos não engana, collaborava o sr. Antonio de Serpa, foi n'essa quadra um dos periodicos mais

apreciados e lidos em Lisboa e no reino.

Era então a *Revolução de Setembro* o primeiro jornal politico de Lisboa não só pela qualidade dos homens que n'elle escreviam, como pelo renome que lhe déra a lucta constante e corajosa, em que andára por largo espaço contra o poder. O sr. Latino Coelho estreou-se n'esse jornal como escriptor politico, e a collecção da *Revolução de Setembro* encerra materia para muitos volumes, devida á penna do nobre professor. Ali nos coube amiudadas vezes ser testemunha da incomparavel facilidade com que o sr. Latino Coelho enriquecia as columnas d'aquelle diario, e observar a especialissima aptidão com que sabia adornar das mais finas galas de estylo e de linguagem os assumptos mais triviais ou mais aridos.

Não nos é possivel seguir o joven

escriptor n'esse trabalho incessante, nem julgamos necessario recordar aos leitores cada um dos artigos de que os sabemos lembrados. Basta dizer que foi geral o espanto ao ver que o mancebo que consagrára os seus primeiros annos ás sciencias exactas, e que n'ellas ganhára uma após outra todas as corôas, parecia ter passado esse tempo no estudo reflectido dos nossos melhores classicos, a colher-lhes todas as bellezas, e a accomodal-as elegantemente ás exigencias e uso do nosso tempo.

Redactor principal da *Emancipação*, collaborador da *Revolução de Setembro*, redactor da *Semana* em 1851, o sr. Latino Coelho escreveu tambem na *Revista Popular* e no *Panorama*, onde publicou a biographia de Almeida Garrett. No *Portugal Artistico* deixou paginas de incontestavel importancia. Ha entre ellas uma

consagrada a Cintra, que é um documento eterno da riqueza e formosura da nossa linguagem portugueza, e uma das mais bellas producções do sr. Latino Coelho.

IV

No anno de 1852 publicou o sr. D. Senibaldo de Mas, antigo embaixador de Hespanha na China, uma memoria em favor da união pacifica de Hespanha e Portugal, e na edição portugueza coube ao sr. Latino Coelho escrever o prologo, que foi lido com avida curiosidade. A idéa de fazer dos dois reinos da Peninsula uma grande nação, devia agradar a um espirito elevado, como o do sr. Latino Coelho, nas circunstancias politicas de então, a todos os respeitos differentes das actuaes.

Andavam os hespanhoes mal avindos

com o seu proprio governo; prevendo uma grande revolução em Hespanha, estudavam com affinco os meios de a dirigirem de modo que para o futuro ficassem sufficientemente asseguradas as instituições liberaes. Parecia-lhes a elles que a dynastia hespanhola odiava a liberdade, e que antes quereria succumbir na lucta do que ceder ás reclamações do partido liberal. Olhavam então para Portugal com virtuosa inveja do governo reformador e livre, que n'este reino ia melhorando as instituições, aperfeiçoando a legislação, e dissipando os odios e rancores politicos. D'ahi brotou de novo nos animos hespanhoes a idéa iberica, que por impossivel que fosse na pratica, era sempre uma homenagem ao nosso bom juizo e ao progresso incontestavel da nossa civilisação.

A revolução de Hespanha em 1854

reconciliou os hespanhoes com a dynastia. A rainha D. Isabel attendeu aos votos dos seus subditos com benevolencia maternal e os liberaes que tinham derramado tanto sangue para fazer triumphar a causa d'aquella princeza, esqueceram desde logo a idéa de uma mudança que não encontrava em Portugal apoio algum nas pessoas, de cujo consentimento essencialmente dependia.

É aqui occasião de dizer que nenhum outro publicista poderia advogar melhor do que o sr. D. Senibaldo de Mas a idéa da união iberica. O caracter honestissimo d'este cavalheiro, a sua elevada intelligencia, a variadissima instrucção de que é dotado, o seu affecto aos portuguezes, e a delicadeza de trato e bondade de alma com que realça essas qualidades, já de si muito superiores, contribuiram de certo poderosamente para que as idéas

explicadas na memoria iberica do diplomata hespanhol, achassem no animo de alguns dos nossos escriptores acolhimento favoravel.

Os successos posteriores transformaram em impossibilidade pratica a hypothese da união, e deixaram á mercê dos visionarios politicos o plano do sr. D. Senibaldo. Algum conspirador obscuro ficaria ainda a sonhar no grande imperio peninsular, mas os homens de vulto nos dois reinos deixaram para logo a arena em que a discussão de uma contingencia politica podia parecer tentativa criminosa e desleal.

O sr. Latino na variadissima multiplicidade dos seus trabalhos litterarios e politicos não esquecia então a escola de que fôra sempre ornamento, quer na qualidade de discipulo, quer na de professor. Ao passo que se entregava com

incansavel actividade ás lides de que demos noticia, e que se applicava com egual tenacidade ao estudo das principaes linguas da Europa, escrevia um *Curso de Elementos da Historia Natural* para uso dos alumnos da Polytechnica, e preparava de accordo com outros professores a *Encyclopedia das Escolas d'Instrucção Primaria,* que mais tarde foi publicada, com approvação do Cardeal Patriarcha na parte concernente á doutrina christã.

Na *Revista Peninsular,* que temos deante de nós, foi o sr. Latino Coelho um dos mais notaveis collaboradores, escrevendo differentes artigos no idioma hespanhol, no qual se mostrou tão copioso e aprimorado como na lingua portugueza. E não só n'aquelle jornal mas em muitos outros publicou escriptos excellentes, cujo exame e noticia pediria mui larga escriptura.

Nas eleições supplementares de 1854 foi eleito deputado por Lisboa, e em 28 de Março de 1855 estreou-se como orador, ganhando n'este primeiro ensaio a consideração e sympathia da Camara, e os applausos do publico. Os jornaes de então compararam o joven orador a Cicero e a Mirabeau, e apenas lhe notaram uma certa propensão epigrammatica, que todavia, sendo dirigida com sobriedade discreta, póde ser na tribuna um dote precioso.

Em 1856 e em 1860 voltou á Camara dos Deputados a representar os povos da Ilha do Fayal, que acudiram benevolos a reparar o ostracismo com que os eleitores do reino tinham correspondido ás brilhantes qualidades parlamentares do illustre professor. O povo tem seus quartos de hora de ingratidão, e não é sempre á superioridade do talento, e á gran-

deza e elevação das idéas que elle presta voluntariamente o testemunho publico do seu voto.

O governo chamou em 1852 o sr. Latino Coelho para a Commissão Central de Pesos e Medidas; em 1854 nomeou-o Membro do Conselho Dramatico, e em 1859 deu-lhe no Conselho Superior de Instrucção Publica o logar que só desarrasoada inveja—mais honrosa que a propria nomeação—lhe poderia ter negado. A Academia Real das Sciencias já tinha a esse tempo aberto as suas portas ao sr. Latino Coelho, que de socio effectivo passou em breve a occupar o cargo de secretario, exercido em todos os corpos scientificos e litterarios da Europa por homens qualificadissimos. O *Diario de Lisboa* foi tambem entregue á direcção d'este mancebo.

V

Na rapida enumeração dos trabalhos do sr. Latino Coelho talvez omittimos por esquecimento ou ignorancia algum assumpto no qual o nosso illustre compatriota fizesse á nação quer nas sciencias, quer nas lettras, quer na politica, serviços valiosos. A culpa não é só nossa. A modesta abnegação com que o sr. Latino trata de tudo quanto diz respeito aos seus interesses pessoaes, affastou do nosso alcance alguns documentos que poderiam completar esta noticia.

Não conseguimos um exemplar do elogio do sr. Rodrigo da Fonseca Maga-

lhães, justa homenagem ao maior vulto dos annaes parlamentares e politicos do Portugal moderno. A leitura do *Elogio Historico de D. Fr. Francisco de S. Luiz*, recitado na Academia Real das Sciencias em 19 de Novembro de 1856, augmentou-nos a magoa de não ter podido obter o outro, em que de certo não foi menos brilhante a proverbial facundia do joven academico.

A aptidão encyclopedica do sr. Latino Coelho é incontestavel. Não sabemos de talento mais fecundo, mais facil em produzir, mais rico na variedade dos fructos, mais elegante na fórma, e mais flexivel e proprio para todos os generos a que o desejem applicar. D'esta capacidade universal—e por isso mesmo universalmente requerida—devia resultar a accusação de descurar alguns dos assumptos confiados ao seu cuidado e diligencia,

como se estivesse na mão do homem augmentar as horas de cada dia! Onde o tempo fallece, cessa a responsabilidade de quem para acudir a tudo teria de transtornar a ordem da natureza.

Se o sr. Latino Coelho fosse menos benevolo em ceder ás solicitações que sempre e para tudo o reclamam, e se recuasse dos trabalhos de interesse publico para os cuidados especiaes da sua reputação e credito litterario, que nunca duvidou immolar no serviço do Estado, haviam de accusal-o de egoista, e lamentariam a falta irreparavel que com a sua abstenção soffresse tudo quanto agora vive da sua iniciativa.

Pela nossa parte teriamos desejado que o illustre professor se consagrasse especialmente ás sciencias ácerca das quaes Portugal soffre repetidas accusações de pobreza, e que nas horas de re-

pouso que lhe deixassem as honrosissimas lides do magisterio, preparasse alguma obra litteraria de grande alcance, d'aquellas de que temos necessidade, e para as quaes lhe sobejam os dotes. A utilidade publica e a gloria do nobre mancebo se dariam as mãos n'esta applicação de tão avultado engenho.

É talvez tarde para a realisação d'este desejo. Embora. A nação portugueza tem na aptidão universal do sr. Latino Coelho um monumento de gloria de que póde desvanecer-se, e por certo mui pouco vulgar tanto entre nós como nos reinos estrangeiros.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

CARTA AUTOBIOGRAPHICA

Carta autobiographica (*)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Meu presadissimo collega:

Commetti para com V. Ex.ª um desprimor, que teria talvez sabor de selvageria. Sirvam-me agora de expiação as expressões de agradecimento custosas para mim, não por orgulho, que o não

---

(*) Esta carta, dirigida por Latino Coelho ao seu biógrafo, o ilustre escritor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, foi publicada na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil,* vol. II (1860).

A. V.

tenho desmedido e ingrato, mas por serem offerecidas ao que não foi justiça, senão encarecimento generoso e finissima lisonja. Foi o desprimor, que sabendo eu a benevolencia com que V. Ex.ª tomára o officio escabroso de meu panegyrista, lhe não tornei mais facil a tarefa de illuminar a obscuridade da minha vida, com lhe ministrar os poucos subsidios que poderia prestar-lhe quem resume em poucos trechos os seus fastos litterarios e em capitulos modestos a sua biographia politica. Tive uma desculpa n'esta que pareceria porventura arrogancia da minha parte.

Quizeram trazer-me á vergonha n'este *fórum* da *Revista Contemporanea*, onde teem passado applaudidos e triumphantes os patricios da nossa republica intellectual. Vi que posto em praça e esclarecida a scena com tão brilhante luz, como a do

entendimento de V. Ex.ª e levado a tão auctorisado pregão, como o da sua voz, resaltariam mais minguados os meus poucos merecimentos, que n'uma certa penumbra se comprazem, para que se não percebam os contornos que n'elles separam a realidade da convenção.

Se eu tenho algum nome, esse mesmo para poucas invejas, como é, não o creei eu, antes o devo a um certo favor e munificencia com que a opinião se deleita ás vezes em altear os engenhos humildes, mas modestos. É um nome que eu — o melhor critico de mim proprio — confesso que não pode resistir a uma analyse severa. É uma folhagem copada, talvez não ingrata a olhos que a avistem de relance, deixando apenas divisar aqui e acolá uma flor, que mal desabrochou, um fructo escasso, que não veiu nunca a arredondar-se e a sazonar. Os meus escri-

ptos não são mais do que uma corrente de agua, talvez não inteiramente lodosa, que passa com o seu murmurio modesto, accordando aqui e ali um echo de sympathia, mas que é preciso deixar correr sem tentar que a pequenina onda, que uma vez deslisou, retroceda, antes continue e vá perder-se no esquecimento. É d'estes nadas que se compõe a minha pouca fama litteraria. Exhumal-os, quando já tiveram a sua vez, relatal-os, quando já deram todo o seu fructo, é querer recompor um fogo de artificio, quando os mixtos já arderam com certa deleitação de frivolos espectadores.

Ora eis ahi tem V. Ex.ª os perigos, que eu, melhor piloto da minha fragil barca litteraria, tenho sempre buscado desviar. Eu sou como um d'estes paes affectuosos, mas discretos, que tendo uma filha, não de todo desgeitosa, mas

mui longe de gentil, estivesse estudando antes, com que a não expor na praça á luz do meio dia, para que não passassem invejosos e dicazes a notarem-lhe os senões, que tinha dissimulados á luz favorecedora dos salões e dos theatros.

Por isso tive uma guerra com amigos meus para me esquivar a estas perigosissimas honras do retrato e da biographia. Guerra, em que o egoismo se apercebeu com as armas da modestia. Pela mesma razão, por que muitos desejam um biographo, o temi eu por inimigo. Elles desejam-n'o por luzir ao menos um dia; eu fugi-lhe quanto pude para não desluzir inteiramente. Não ha obscuridade que salve da inveja. Não cairei pois na inculpação de vaidoso, se julgar que alguem de facil contento me elegeria por alvo d'aquella ruim paixão. Em quanto ninguem me faz a historia, poderei ter uns

clarões, que me remedem uma auréola, mas se me escrevem a biographia, ahi será o discretear dos maliciosos, ahi o inquerir em que tenho aproveitado o meu tempo e se com tal matalotagem de acepipes ligeiros e de gulodices feminís, sem vitualhas de substancia, me atrevi a çarpar n'esta longa e ardua navegação da gloria.

Tenho sido accusado de não ter feito senão flores. De um alto personagem (*) sei eu que me fez a honra d'este juizo. E ainda se fôra verdadeiro o conceito! Se flores tivesse eu conseguido fabricar! Um politico, cujos chistes e donaires andam em proloquio (**), já disse de

---

(*) Diz o sr. Alberto Pimentel que foi D. Fernando II. Veja: *Livro de Homenagem a Latino Coelho*. Sintra, 1916, pág. 43.

(**) Crê o mesmo escritor que êsse político foi Carlos Bento. Veja: livro citado, na mesma página.

A. V.

mim que eu era *um estylo á procura de um assumpto.* Mas um estylo é a coisa mais preciosa e rara nas lettras. Um estylo é Cicero e Chateaubriand. E prouvera a Deus que fôra tambem exacta esta censura!

Eu nem faço flores, como Constantino, nem arabescos, como um artista sem objecto. Faço uma coisa que toda a gente faria em meu logar. Atravessei a época mais temerosa da nossa litteratura, sem importunar um typo de imprimir. Todos os sete annos dos meus estudos superiores, a unica época feliz da minha vida, os passei eu no mais desfeito temporal do romantismo.

Era a quadra das chácaras e dos soláos, dos dramas hediondos, e dos poemas funereos. Era o dia de S. Bartholomeu da litteratura. Andava o diabo solto e desenfreado como o do celebrado Dr.

Faust. Ruinas, castellos, tumulos, abbadias derrocadas, esclarecidas apenas pelos raios da lua filtrada por cima dos cyprestes; cavalleiros enamorados, castellãs perjuras, vinganças mais cruentas que as dos *Niebelungen,* feiticeiros, espectros, abutres e morcegos, tal era o arsenal aonde faceis imaginações iam buscar as armas da poesia. Quem não seria poeta em Parnaso tão chão e tão patente? Quem resistiu ao desejo de imitar a *Torre de Nesle* ou a *Lucrecia Borgia?* Quem não ideou um romance em que o heroe fosse ainda mais ferino que Han de Islandia? De um poeta sei eu que, ardendo então por dramatisar a mais exemplar vindicta, tinha traçada uma tragedia, em que o protagonista, julgando ainda iguaria de estomagos enfermos a ceia de Thyestes, ou a de Gabriella de Vergy, sentava o heroe em um convivio lugu-

bre, na sala d'armas do castello, confundindo o repasto com a vingança, e tragando, bocado a bocado, o corpo da mulher adultera, regado com o sangue do seu amante, com o mesmo appetite brutal com que um inglez poderia comer um quarto de carneiro *Dishley,* condimentado com *Queen Victoria Sauce.*

E pensa V. Ex.ª que assisti com indifferença a estas e semelhantes manifestações do talento juvenil? Pensa que vi na rua dos Condes os triumphos cruentos da Melpomene do meu tempo, sem que a inveja de Milciades me turbasse o somno em presença dos Themistocles litterarios que comigo se sentavam nos bancos das escolas? Devo confessar-lhe em honra da verdade historica que incorri em peccados abominaveis de lesa litteratura. Tambem saí em furtivas algaras e fossados litterarios contra a mou-

risma do meu tempo. Ainda n'uma pasta archeologica, discreto jazigo dos meus primeiros monstros poeticos, repousam em chácaras de insipida constructura as carcassas de alguns moiros descabeçados, que se não riem ainda de mim, porque eu tive o bom juizo de lhes decepar cerceas as cabeças com aquelles famosos montantes, que V. Ex.ª nunca viu de certo no museu de artilheria de Paris, e que foram todos em linha recta descendentes da *Tizona* do Cid de Bivar.

Escrevi dramas, meditações, romances, que me entristeciam mais pelo que tinham de mesquinhos do que pelo que eram de sentimentaes. Pequei como todos, mas pequei em silencio, ás escondidas, sem escandalo publico, como fragil e carnal que era, e sobre carnal, creança de poucos annos, e inchada então com apotheoses de escola. Como os esparta-

nos, segundo o preceito de Lycurgo, aquellas creaturinhas mal affeiçoadas e pouco vividouras, se não as afogava eu, as sepultava em apertada clausura, porque não fossem praga dos jornaes e peste ou pelo menos modorra dos leitores. Só tive juizo em ser modesto e não me arrependo do meu feito. Em quanto os meus condiscipulos iam já engatinhando em lettras, ia eu estudando o que me cumpria: mathematicas, que todos julgam aridas, e que eu—não sei se com paradoxo—creio uma das mais gratas voluptuosidades do entendimento; sciencias naturaes, que alargam o homem até os confins do universo. Sciencias e chronicas dos nossos aureos tempos nacionaes, repartiam as horas dos meus estudos. O que não quer dizer que eu não lesse com avidez todos os livros que me caíam sob a mão, desde o *Tratado das*

obrigações de Pothier, e o *Espirito das leis*, até á *Summa* de S. Thomaz, desde a interminavel e sombria *Clarisse Harlowe* até ás immortaes caricaturas do manco de Lepanto.

N'estes combates entre o orgulho de não querer parecer mal, e o desejo fervoroso de ser auctor, se passaram os annos da primeira adolescencia. Era já homem ao cabo d'elles. Accordei das escolas e achei-me no mundo. Começaram então as contrariedades da vida. Primeiro me vieram os cuidados do que as barbas. Com as amarguras, que me visitaram precoces, e com uma doença que me influia entranhavel melancolia, senti a necessidade de exercer o espirito em coisas estranhas aos meus estudos habituaes, porque sempre me enojou a monotonia de um assumpto continuado, nem comprehendi como

um homem póde servir-se exclusivamente de uma das muitas faces da intelligencia.

Um amigo meu tinha um pequeno semanario (*). Decaía a folha a olhos vistos. Iam-se os assignantes. Era mister amparal-a no despenhadeiro. Veiu um dia aquelle amigo procurar-me, e pediu-me para que eu fosse o redactor. Objectei que nunca tivera escripto. Allleguei incompetencia, declinei a jurisdicção, sorrindo-me comtudo a idéa de apparecer escriptor. Instou o amigo, encareceu-me benevolo os dotes do meu engenho, levantou-me nos broqueis da sua

---

(*) Era o *Farol*, periódico literário, que se publicou em Lisboa de 18 de maio de 1848 a 4 de setembro de 1849. (Veja a biografia de Latino Coelho, por C. J. Caldeira, na *Illustração Luso-brazileira*, vol. I (1856), pág. 99 e 100).

A. V.

boa amizade, porque desde as escolas me tivera sempre na sua estima. Cedi. Aventuremo-nos, disse eu, á empresa. Tenteemos a tela, provemos os pinceis. De menores principios sairam grandes nomes. Escreverei anonymo. Não fui de todo o ponto infeliz.

Acolheu-me a benevolencia dos amigos, a quem devi tudo o que sou nas lettras. Paguei-me da boa feição do publico e puz banca de escriptor, mas sem vaidade, sem calculo, sem egoismo, sem a menor sombra de itinerario ambicioso n'este difficil caminho, que em nossos tempos guia muitas vezes á reputação e á influencia. Achei no escrever um deleite, uma distracção, um mundo ideal onde me vingar das contradicções em que me trazia o mundo positivo. Eis ahi porque perseverei escrevendo. Escrevi pela mesma razão, porque outros vão á

caça, porque outros frequentam as tavolagens, porque outros dançam uma walsa, porque outros esquecem o mundo pelos trebelhos do xadrez, porque outros se entreteem em futilidades ainda menos justificaveis e meritorias. Nunca escrevi para a gloria, nem para a posteridade. Os meus escriptos resentem-se da sua origem de occasião e do intento com que os delineei. São quasi sempre improvisos de momento. Obras das que chamam hoje de *largo folego,* poderia tel-as escripto innumeras, porque V. Ex.ª sabe que por indole, aperfeiçoada pelo habito, consegui escrever com tanta celeridade, quanta é compativel com a formação, ás vezes illegivel, dos caracteres. Mas que obras seriam? Nem eu o quero imaginar.

Tenho para mim que livros se devem escrever originaes e que alguma

coisa accrescentem ao peculio da humanidade. Para a distracção, para a conversação escripta é que se inventou expressamente o jornal. Depois a minha organisação excentricamente nervosa irrita-se com a perspectiva de longos folios a escrever. Custa-me a ter perseverança para seguir a mesma idéa, e ha em mim um horror innato de poder, escrevendo volumosas composições, cair em tedioso.

Aqui está, como se fôra deposto aos pés do confessor, o que eu sou e o que valho como escriptor. O que V. Ex.ª de mim affirma é tão lisongeiro e gracioso, que não sei melhor meio de lh'o agradecer que declarar-me sinceramente mui outro do que V. Ex.ª me esboçou para que não imagine que arrogante com o fôro de nobreza intellectual com que V. Ex.ª entroncou o meu nome no patri-

ciado da republica litteraria, me vou suppondo a serio o que V. Ex.ª com tão obsequiosa munificencia me despachou. Que tão saboroso é o elogio, ainda assente em falsos meritos, que até aos mais modestos deslumbra e influe vaidades nos que menos presumem de si.

Restabelecidas as verdadeiras proporções do escriptor, tenho em grande conta que não façam mau juizo de mim como homem e agradecido . . . .

. . . .

Receba pois V. Ex.ª os mais cordeaes testemunhos da minha gratidão pelas benevolentes e generosas expressões, com que disfarçou a minha pouca valia litteraria, e me emprestou a luz do seu talento, para que o meu nome podesse um instante brilhar com os resplandores do seu.

Aproveito a occasião para offerecer a V. Ex.ª os protestos da estima e consideração com que tenho a honra de ser

R. de S. Bento, 175.

De V. Ex.ª

17 de Agosto de 1860.

Admirador e collega obrig.^{mo}

JOSÉ MARIA LATINO COELHO.

PERFIL DE LATINO COELHO

José Maria Latino Coelho (*)

José Maria Latino Coelho, apertado pelos seus admiradores, resolveu-se a entrar na Camara.

Diminuta estatura; cabeça bem modelada; abundantes cabellos pretos, ondeados e longos, á moda do tempo; perfil incorrecto, mas expressivo; olhos myopes, de brilho singular; mãos delicadas, quasi feminís, acompanhavam, com a vivacidade do gesto, a mobilidade da physionomia, onde o talento fusilava em relampagos.

(*) Bulhão Pato, *Memorias,* tomo II. Lisboa, 1894.

Nas aulas superiores obteve sempre os grandes premios, e a pouco mais dos vinte annos era professor na Escola Polytechnica!

Quando elle firmou, pela primeira vez, o nome n'um artigo, Alexandre Herculano disse:

— Este estreia-se por onde os melhores acabam!

Infatigavel no estudo, respondia, em creança, aos que, já n'esse tempo, pasmavam do seu saber:

— Os livros ensinam tudo.

Com o mesmo lapis com que resolvia um alto problema de mathematica, traçava, no meio de uma conversação viva, um artigo de doutrina ou de combate, com tal força de colorido, que estava pedindo as lunetas fumadas, que o poeta das *Meditações* precisava para ler Paulo de St. Victor! Na tribuna, a pala-

vra, já largamente exercitada na cathedra, amoldando-se á fórma parlamentar, jorrou caudaes soberbas de linguagem vernacula, primorosa e moderna. Todavia a politica, a que o forçavam, no fundo era para elle apenas um episodio brilhante. Possuia duas paixões que o absorviam: o amor do estudo e o amor da familia.

Os seus artigos politicos, só por si, formariam um thesoiro riquissimo de linguagem portugueza. O seu melhor livro é a biographia de Humboldt; o seu melhor discurso, o que proferiu na Camara dos Pares. No livro de Humboldt lança mão do arsenal da sciencia, e a propriedade da lingua é modelo não conhecido entre nós, e modelo em toda a parte. O estylo de Latino seria unico, se, de vez em onde, fôra cortado da veia popular, e se o amor, o *eros,* que desabrochou n'um beijo a Psyk, houvesse

incendiado um dia a alma do insigne escriptor!

Parece incrivel que n'aquelle corpo, franzino como o de uma creança, e já no declinar da vida, houvesse tanta força e animo! Elle — unico republicano, no meio de arminhos, escudos timbrados, leões rompentes, corôas ducaes, bagos prelaticios da Camara realenga — expondo, com o maior desassombro e a maior vehemencia, embora com extrema polidez, idéas e opiniões, que não podiam ter um echo sumido n'aquella casa! Talvez orador algum fallou em taes circumstancias; em Portugal decerto nenhum. Teve relanços de verdadeira, de pura eloquencia! Este, por exemplo, — referindo-se á Boa Hora, ao Limoeiro, e ao Hospital de S. José:

«Aconselharia eu tambem ao sr. ministro da fazenda que, sempre com o

orçamento na mão, levasse de um lado o principe de Orléans e de outro o principe de Galles, que, segundo annunciam os arautos ministeriaes, acudirá tambem ás bodas — e désse com elles um passeio pela cidade, para lhes mostrar, com exemplos visuaes e eloquentes, a situação financeira e administrativa de Portugal. Leval-os-hia primeiro ao palacio de justiça, e, estanceando breve espaço com elles deante do edificio da Boa Hora, lh'o apontaria, sem comtudo entrar no augusto sanctuario da Themis portugueza, com receio de que se alterasse a preciosa saude principesca. Tal é a fama, que d'esse recinto se divulgou, quando, apercebendo-se ha poucos annos a administração do estado contra os perigos de uma tremenda epidemia, que a empresa de purificar aquelles antros pareceu mais ardua e mais perigosa que a dos cele-

bres estabulos, commettidos á vassoura mythica do grande heroe thebano.

«Aconselharia mais ao sr. ministro, que, depois de mostrar aos principes a formosa architectura do nosso palacio de justiça, os levasse mais adeante a verem aquella casa onde vão cumprir-se tantas sentenças do poder judicial, áquelles antigos paços regios transformados ha longos annos, em alcaçar do crime, e lhes dissesse: Aquelle antro é a prisão principal de Lisboa e de todo o reino. Aqui estão clausurados os que são presos por simples culpas correccionaes e aqui tambem accumulados os grandes facinorosos, aquelles que para aqui mandamos como para uma escola pratica de aperfeiçoamento, para que terminem, dentro d'estes muros, a sua educação de scelerados, e acabem de exercitar-se bem no vicio e no attentado; aqui, sob o gladio expiador, mas

tolerante da justiça, são as luctas armadas mais frequentes do que nos proprios campos de batalha. Não temos, porém, dinheiro para expungir de uma grande capital esta nodoa, que a deshonra e envilece.

. . . .

«Leval-os-hia logo em seguida ao Hospital de S. José e dir-lhes-hia: Vossas Altezas podem ver n'este logar quasi uma cópia talvez um pouco aperfeiçoada do que se via na edade média, quando se edificavam os hospitaes, os lazaretos e as gafarias, sem nenhuma luz de hygiene e commodidade.

«Aqui teem Vossas Altezas um hospital onde estão accumulados mais de um milhar de doentes, sem que possamos dispender um só real na fabrica e edificação de casas hospitalares dignas de uma grande capital, e accommodadas ao estado presente da sciencia n'este ponto».

*
* *

Latino Coelho, á feição dos verdadeiros oradores, excepções á parte e rarissimas, por mais que estudasse o discurso, improvisava sempre a fórma. Muita vez comprazia-se em a remodelar, alindando-lhe as arestas, deliciando-se, como o ornatista primoroso na officina, a lavrar os arrendados da pedra. A phrase não saía de um jacto, mas no acabado e gracioso ninguem o egualava. Era principalmente didactico, methodico, moderado, e terso; mas, lá de onde em onde, quando chegava a irritar-se, não lhe faltavam nem vehemencia, nem as laminas cortantes da satyra.

Antes de fallar estava inquieto, hesitante, n'um grande mal estar, como que assustado; quasi sem confiança em si, —

quantas vezes m'o disse — suppondo que jámais se houvesse experimentado! Assim que tomava a palavra, sentia-se tão seguro, tão á vontade, como no aconchego do lar, discorrendo com os amigos, sua distracção predilecta!

Tinha tambem um modo de estudar, que era peculiar d'elle. Fosse que livro fosse, não o lia nunca de um folego. Andavam sobre a mesa tres ou quatro volumes, e sempre uma grammatica de lingua muito pouco conhecida. De um tratado de sciencia passava para um romance, uma revista, umas paginas de historia: tudo isto ficava, com a sua prodigiosa memoria, impresso e methodisado no fecundo e poderoso cerebro!

*
* *

Estudou primeiras lettras e humanidades juntamente com o dr. Gaspar Gomes. Este meu velho amigo contou-me que o seu companheiro de infancia fizera exame de classicos latinos, ao cabo de nove mezes de estudo da lingua de Virgilio! Ficaram abysmados os professores, e eram nem mais nem menos de que Almendro, Henrique Henriques, e Padre Rocha,—o pae dos rapazes, um santo! Padre bom não é muito vulgar, porque, emfim, os padres são homens; mas quando é bom, é bom a valer!

Grego, allemão, dinamarquez, polaco e russo, apprendeu comsigo proprio! Do grego traduziu a famosa oração de Demosthenes—*A Oração da Coroa*—, precedendo-a de um estudo sobre a civilisação

hellenica, que funde um grosso volume; obra magistral. Do allemão verteu o *Gladiador de Ravenna,* a tragedia mais patriotica da Allemanha.

A *Oração da Coroa,* como linguagem concisa, elegante e portugueza, é modelo. Ha trechos, que são satyras acerbas e crueis. Este, por exemplo:

«Se o meu accusador fôra Eaco, Minos, Rhadamantho, e não um artista de palavras, um rabula forense, um escriba miseravel, não creio que fossem mais terriveis as suas palavras, nem que houvesse exclamado em tom mais tragico: *ó terra, ó sol, ó virtude!*... ...O que ha de commum, ó scelerado, entre ti ou os teus e a virtude?...................

«Não me enleia o faltar-me que contar de ti e mais dos teus; enleia-me o não saber por onde hei de começar. Direi primeiro como Tromes, teu pae,

arrastava a braga dos escravos, em casa de Elpias, o mestre escola de ao pé do templo de Theseu? Ou como tua mãe, celebrando cada dia novas nupcias, n'um prostibulo adjacente ao heroe Calamita, te creou como a uma formosa estatua, e te destinou a ser tritagonista nos theatros? Direi depois como um certo Phormion, flautista das triremes, servo de Dion de Phrearrhia, a levantou d'aquelle honrado trafico? Mas — por Jupiter e por todos os deuses! — receio que, sendo dignas de ti as coisas, que reconto, não pareça indigna de mim a narração. N'este ponto faço pausa e dou principio á historia da sua vida.

«Não teve Eschines o berço na classe commum dos cidadãos, senão entre aquelles que o povo amaldiçoa. Porque só tarde — tarde! que digo eu? — apenas ha dois dias se fez Eschines no mesmo

ponto atheniense e orador; e, accrescentando duas syllabas ao nome de seu pae, Atrometo, em vez de Tromes, lhe chamou. A mãe appellidou-a magestosamente Glaucothéa, sendo que todos sabem chamar-se verdadeiramente *Empusa*, derivado o nome de seus costumes descompostos e depravados. E que outra origem se lhe podéra attribuir? E tu, Eschines, és de teu natural tão ingrato e scelerado, que de servo tornado livre, de miseravel opulento, pelo favor dos Athenienses, não só lhes negas a tua gratidão, mas vendes a estranhos a tua politica e os interesses da tua patria».

Hoje, ainda no mais acceso das paixões politicas, ninguem ousaria — e ainda bem que não — jogar a humildade do berço ás faces do adversario; mas devemos confessar que a fórma da satyra é soberba

O hespanhol sabia-o Latino de tal modo que Valera, — de quem sou amigo, desde que elle esteve aqui secretario da legação — quando voltou ministro, ha onze annos, me disse que raros homens do seu paiz hoje escreviam castelhano como Latino Coelho! Valera não é só romancista eminente, mas um mestre da lingua.

Pois bem, este homem, um sabio, estylista, e orador, era dado com todos, modesto e simples. Os empavesados e retumbantes datam de uns vinte annos em Portugal. Castilho, Garrett, Herculano, Magalhães Coutinho, Visconde de Seabra, Oliveira Marreca, tinham, decerto, a consciencia do que valiam, mas não se impunham nem humilhavam ninguem.

*
* *

Fallei da difficuldade que José Maria Latino Coelho tinha de tomar a palavra em publico. El-Rei D. Fernando manifestou ao dr. Thomaz de Carvalho grande desejo de ouvir Latino. D. Fernando era artista e gostava de todas as manifestações de engenho superior. Thomaz de Carvalho pediu a D. Fernando que fosse a uma assembléa geral. Latino não faltava nunca á Academia. Appareceu El-Rei, que tratou o Secretario geral com summa deferencia e urbanidade. Reunida a assembléa, Thomaz de Carvalho fez uma oração breve, conceituosa e scintillante de graça. No epilogo interrogou Latino sobre alguns pontos de philologia. Latino Coelho, apanhado de improviso, mettido entre a espada e a parede,

embora visivelmente contrariado, pediu a palavra, e fez um discurso didactico, com tal elevação e tal fórma, que nos maravilhou e commoveu a todos!

No dia seguinte, eu, ainda vivamente impressionado, escrevi-lhe uma carta. Transcrevo o que elle me respondeu, porque, além do mais, prova a sua indole affectiva e benevola:

«Meu querido Raymundo. —Junho, 23, 79.—Li com a maxima commoção a tua amabilissima carta, e confesso-te, sem hyperbole, que ha muito tempo não recebera mais profunda impressão na minha sensibilidade. Tu sabes que sou modestissimo, por indole e educação, inimigo de tudo que não seja o estudo quieto e re-

mansado, a paz da consciencia, que de pouco se contenta e satisfaz. Sabes egualmente, meu amigo, quanto sou escasso em taxar e avaliar essas pequenas qualidades, que a Providencia me concedeu e procurei relevar pelo estudo. Não invejo loiros, nem busco applausos. Para mim estudar é apenas a satisfação necessaria de uma exigencia intellectual. É para mim como alimentar-me. É uma funcção que se exercita, e não uma vaidade que se delicia. Apesar, porém, de tudo isto, ninguem pode ser, em grau mais eminente do que eu, sensivel ás palavras de affectiva congratulação por alguma vez, que, saindo do meu retiro ha-

bitual, consigo safar-me, sem naufragio, de alguma costeira navegação intellectual. Tu engrandeceste-me, com a tua creadora phantasia de poeta, a pequena valia da minha palavra n'aquelle modesto discurso da Academia, no qual mais haveria a censurar por longo, do que louvar por oratorio. Visteme com um d'estes poderosos microscopios, que magnificam centenares de vezes as dimensões corpusculares imperceptiveis. Mas no quereres tu avaliar-me por um d'estes maravilhosos instrumentos, n'isso mesmo está o mais cabal e mais precioso testemunho da tua amizade e benevolencia. A estas retribuo com expressões

de summa gratidão. As minhas irmãs, tão tuas amigas e admiradoras, testemunham egualmente o seu reconhecimento pela delicadeza primorosa, com que as quizeste contemplar. Peço-te que beijes em meu nome as mãos da sr.ª D. Maria da Piedade, e que recebas um abraço affectuoso e fraternal do teu agradecidissimo amigo

José Maria Latino Coelho.»

*
* *

Tinha eu quinze annos quando, matriculando-me na Escola Polytechnica, travei relações com o privilegiado escriptor. Era já lente na Polytechnica e ainda

discipulo na Escola do Exercito. Teria, creio eu, vinte e dois annos. Os premios e o concurso brilhantissimo, foram nada para elle — disse-m'o muitas vezes — com relação ao enthusiasmo que o inflammou, quando saíu alferes! Foi o dia mais ridente e glorioso da sua vida! Assim, desde creança, com os clarões prestigiosos da intelligencia ia illuminando, aquecendo, dando alegria ao lar, de que foi esteio até ao dia funebre, em que cerrou os olhos, lampejantes de saber e talento!

Quando tive a noticia fatal, para que não estava prevenido, porque, ás vezes, passam-se dias sem que pegue n'um periodico, senti um grande abalo! Sobre a tarde, fui até ao alto do casal do meu *Monte*. Era um festivo e formoso dia de outomno. Toda a serra de Cintra recortava os cimos, dentados e flexuosos,

sobre o chão do firmamento purissimo. Dos valles subia lentamente a neblina azulada, como incensando o que tinha deixado o mundo, sem que jámais, não direi odio, mas nem sombra de malevolencia, lhe turvasse a alma crystalina. No dia seguinte, de um folego e quasi sem levantar a penna do papel, improvisei essas estancias. O desafogo de recordar os que amámos tem o doloroso prazer, que sentimos, ao arrancar um espinho.

Se tivesses baqueado aos echos da batalha,
Vendo egual decisão nos bravos da fileira!...
Se, ao beijares o pó, tivesses, por mortalha,
A bandeira da patria—a que já foi bandeira!...

Se aqui, onde nasceste, e onde rebenta a flor
Nos impervios da serra, á luz do sol radiante,
Podesses contemplar um iris salvador,
Ao voltar para o ceu a pupilla expirante!...

Feliz, feliz de ti! Felizes nós, tambem!
Que unir, no extremo alento, a bocca aos labios pulchros
Da mãe que nos creou, da patria — a santa mãe.
É ver o sol da aurora á beira dos sepulcros!

Eu, tão chegado á morte — eterna companheira!
Espero que ámanhã, no mundo sideral,
Aquelles que adorei, durante a vida inteira,
Os tenha em seu regaço essa amante ideal!

. . . .

Desde o primeiro alvor dos dias juvenís,
Com o teu coração em torrentes de luz,
Sem treguas, procuraste honrar o teu paiz...
Para o veres pregado aos braços d'uma cruz!

Para veres alguns, na torpe covardia,
Diffamal-o na praça e praças do estrangeiro!...
Depois de labutar com tanta valentia
Deveu de ser-te amargo o trago derradeiro!

Compleição singular! Debil como um infante,
Na cortez fidalguia extremamente affavel;
Mas, ao vibrar no campo a espada rutilante,
Ninguem lhe teve mão no pulso formidavel!

Teu corpo era um protesto aos rasgos deslumbrantes
Da tua collossal e nobre intelligencia!
Porque ha de fabricar, na terra, taes gigantes,
De barro quebradiço, a mão da Providencia?!

Já, na infancia, o teu genio abria, com assombros,
Depois da aurora á noite, o prodigioso estudo!
Que peso de lavor sobre tão frageis hombros!
Porque tu perlustraste e profundaste tudo!

Foi o amor da sciencia o teu primeiro amor!
Quer soltasses a voz na escola, ou parlamento,
Sempre o mesmo saber, e sempre a mesma flor,
No impeccavel dizer do fulgido talento!

Inda, ha pouco, uma vez, na phrase mais polida,
Tu combateste só! As frechas imprevistas
Fizeram descórar, a cada arremettida,
O mais valente e audaz dos teus antagonistas!

....

Sobre a serra de Cintra e os valles nemorosos
Batia a prumo o sol! Ao ires a enterrar,
Foram dignos de ti os *kyries* magestosos
Dos echos da montanha e das costas do mar!

Que importa que depois, nas ruas da cidade,
Te não prestasse a turba as pompas triumphaes,
Ephemero brazão da popularidade?!...
Para ser popular eras grande de mais!

Eu não te choro a ti, mas choro os que deixaste!
Que noite no teu lar, onde tu refulgias!...
Assim Deus te poupasse, á hora em que acabaste,
A sinistra visão de tantas agonias!

BULHÃO PATO.

FERNÃO DE MAGALHÃES

Fernão de Magalhães (*)

I

Está ainda por escrever uma grande e gloriosissima historia nacional. Não é apenas a averiguação minuciosa de todas as particularidades da fundação da monarchia. Não é a amplificação rhetorica dos recontros que no occidente da peninsula tiveram nossos maiores com os sectarios do propheta; não é a narrativa das intrigas cortezans, nem a lenda das guerras civis, nem mesmo a critica das

---

(*) Do *Archivo Pittoresco,* vol. VI (1863).

instituições municipaes, que tenderam a lançar no solo portuguez as primeiras sementes da liberdade e a assegurar as immunidades populares contra a oppressão dos nobres ou contra as invasões da monarchia absoluta.

Estas investigações, posto que uteis e necessarias, resumem a historia domestica de um povo, ainda segregado em grande parte da civilisação geral, ainda não activo e grande collaborador nos progressos da humanidade. São a monographia de um orgão, a analyse de um tecido que pertence a um organismo consideravel cujas funcções e cuja evolução não póde ser comprehendida em quanto o historiador, erguendo-se a mais altas regiões, não estudar as relações da sua patria com a civilisação christan, com a civilisação universal.

A historia de Portugal começa com

as primeiras expedições e conquistas africanas. É desde então que esta orla occidental da peninsula hispanica começa a inscrever o seu nome entre as nações cultas. Até então é uma provincia de Hespanha, que por uma longa elaboração se emancipa da coroa castelhana. D'ali por diante, é uma nação varonil, que justifica por actos de arrojada iniciativa a sua propria autonomia. Até ao principio das conquistas é uma familia quasi esquecida e ignorada pela Europa no seu ultimo occidente. D'ali por diante a familia, a tribu, eil-a tornada em povo e em nação. A provincia, que sacode o jugo da mãe-patria, é já imperio, é já povo, é já efficaz e fecunda participação nos grandes acontecimentos que transformam a face do mundo e inauguram solemnemente a moderna civilisação.

Portugal é hoje nação, não porque

conquistou aos arabes á ponta da sua lança estes territorios extremos da peninsula, não porque, por um acto de feliz insurreição, quebrou as cadeias que o prendiam á velha monarchia de Pelayo, não porque soube em guerras diuturnas firmar o pavilhão das quinas contra as invasões de seus visinhos, mas porque fez d'esta bandeira gloriosa, não sómente a insignia de uma patria, mas o emblema de uma nova civilisação.

A formação de estados independentes e soberanos no meio da Europa christan, é o facto vulgar da edade média. Da dissolução do imperio dos Cesares nasce a divisão das regiões, outr'ora submettidas ás aguias imperiaes. O regimen feudal é a consequencia necessaria da falta de um principio commum, que sirva de liame aos povos romano-barbaros. Os estados compõem-se e decompõem-se,

agglomeram-se e disseminam-se successivamente no meio d'esta fermentação moral, em que os povos modernos procuram as condições do seu equilibrio politico. Mais tarde, porém, as nações reconstituem-se; os grandes estados absorvem as nacionalidades ephemeras, e os elementos politicos da Europa moderna agrupam-se em redor dos grandes centros da civilisação.

A França estende o nivel da unidade nacional sobre todos os estados independentes que haviam por muitos seculos retalhado o seu vasto territorio. Poucos estados succedem na Italia á anarchia das republicas e á multiplicidade dos principados. A Navarra e o Aragão prestam os seus brazões para servirem de novas peças ao escudo da monarchia hespanhola.

Das pequenas nacionalidades, erigidas

na meia edade, só Portugal consegue atravessar incolume as épocas de transformação social e de reconstituição politica da Europa, intactó quasi inteiramente o territorio em que arvorou uma vez a sua bandeira.

Por que singular privilegio resiste a nossa terra ao movimento geral de assimilação? Porque é ella mais feliz do que o Aragão, do que a Navarra, nas Hespanhas? Do que a Borgonha, a Lorena, e a Bretanha na antiga região das Gallias? Do que a Escocia na Gran-Bretanha? Do que a Bohemia e a Hungria na Allemanha? Do que a Noruega na peninsula scandinava?

É predilecção do acaso? ou é decreto da Providencia? É favor da fortuna, ou necessidade da civilisação?

Imagine-se já consolidada apparentemente a monarchia do mestre de Aviz;

illustradas as armas portuguezas pela victoria de Aljubarrota; constituida a unidade nacional pela communidade dos sentimentos, dos esforços, dos sacrificios, em que a final se traduz esta generosa abstracção que se chama amor da patria. Supponhamos agora que o rei cavalleiro adormece sobre os loiros das suas victorias e que a sua irrequieta actividade lhe não aponta para Ceuta, para Tanger, como novos premios de suas novas excursões. Dêmos que sae malaventurada a primeira expedição ás terras africanas, e que os filhos do rei popular, em vez de scismarem a verdadeira gloria, amollecem os animos e arrefecem os brios na vida effeminada dos saraus e dos festins. Não ha loiros a ceifar nas praças de Marrocos, não ha delicias intellectuaes para o infante D. Henrique nas asperezas do promontorio sacro; não

ha cavalleiros que troquem os ocios da casa do infante pelas aventurosas navegações n'esse temeroso Oceano, n'esse *mare tenebrosum* que a phantasia meticulosa dos antigos povoava de tremendas tempestades e de pavorosas apparições. Concedamos que Portugal, sem cobiçar glorias peregrinas em empresas nunca d'antes nem sonhadas, se aninha no seu recanto do occidente, a deliciar-se como que no seu lar domestico, bem aquecido por um sol vivificador, bem assombrado de suas deliciosas primaveras, bem refrigerado pelas suas auras amenissimas, bem acobertado pelo seu esplendido ceo meridional. Supponhamos que as suas barcas apenas se aventuram á navegação costeira, ou quando muito até aos portos estrangeiros, que lhe demoram mais á mão. Dêmos que se contente com a sua honesta mediania,

penduradas na choça ou no castello as armas ainda retinctas no sangue castelhano, com a mão no arado patriarchal, mal cuidando na sua discreta ignorancia, quaes terras vão discorrendo ao longo do Atlantico, quaes caminhos vão dar mais brevemente ás regiões da especiaria, quaes potentados ha lá muito ao longe pela Africa e pela Asia a subjugar pelo terror das armas e pelo prestigio do nome portuguez.

Se assim tivesse acontecido, porventura havia de ler-se agora na carta da peninsula hispanica—*Portugal, provincia mais occidental da Hespanha.* E lê-se: *Portugal, nação independente e gloriosa por seus feitos.* A terra illustrada pelo mestre de Aviz e por Nuno Alvares não teria conservado o privilegio de independencia com melhor fortuna do que o reino de Aragão ou a esquecida monarchia de Navarra.

Podiam edificar a *Batalha* e o velho monumento de D. João I; esta epopéa cavalleirosa e christan, cinzelada em pedra, não teria assegurado a liberdade portugueza contra a lei providencial que pune pela conquista a obscuridade ou a decadencia das nações.

II

Portugal é nação desde o dia em que saíu a cruzar os mares. Até ali era o colono humilde que lavra ignoto a estreita gleba patrimonial. Desde então foi o cavalleiro da christandade, o obreiro da civilisação. Até então era apenas Portugal. D'ali por diante começou a ser Europa, a ser mundo, a ser heroe, a ser intelligencia, a ser força, a ser luz, a ser liberdade, progresso, gloria e civilisação.

A historia das nações principia e acaba onde ellas começam e terminam a sua

participação nas grandes metamorphoses da humanidade. Uma nação não são quatro linhas onduladas traçadas n'um mappa geographico para a separar das outras nações; não é um povo que vive e passa sem deitar de si um brado que se escute além da patria; não é um throno, um governo, um patriciado, uma plebe, uma sociedade que esconde o seu presente entre um passado sem memorias, e um futuro sem aspirações. Por isso a Polonia desappareceu, e as suas resurreições são apenas a rapida tragedia do patriotismo, que lucta desesperado contra a fatalidade. Por isso a Hungria não pôde desatar os vinculos onde a estreita a monarchia austriaca. Por isso a Sicilia não pôde jámais consolidar a sua nacionalidade independente.

As nações são os orgãos d'este grande todo, que se chama humanidade. Ora

não ha orgãos superfluos, estereis, a que não deva corresponder uma funcção. Quando a sua missão expira ou a sua inutilidade é manifesta, a Providencia sentenceia, encarnando na espada do conquistador. É assim que Veneza, a senhora dos mares, agonisa e desapparece, quando os modernos descobrimentos tornam mesquinha e obsoleta a actividade maritima e mercantil da republica do Adriatico. É assim que a aventurosa Carthago, ultima representante da civilisação phenicia, empallidece e cae prostrada finalmente aos pés do povo vencedor, que é chamado a dilatar por mais remotas regiões a conquista e a civilisação. É assim que as nações americanas caem, deixando apenas a memoria dos seus nomes e o reflexo dos seus feitos. É assim que n'este portentoso turbilhão, que se chama a historia da humanidade,

a cidade de hoje será a necropoles do dia seguinte, o monumento de hoje ministrará as pedras ao monumento de ámanhã, a columna gentilica será o pedestal da estatua de S. Pedro, e a pyramide de Cheops dará sombra ao mameluko e ao fellah.

Está ainda por escrever a verdadeira historia nacional: ao mesmo tempo historia do povo portuguez, e capitulo eloquente e memoravel da historia da civilisação.

É a historia do genio portuguez, a historia da sua collaboração na grande obra do progresso pelas suas arrojadas navegações e pelas suas conquistas, se bem que ephemeras, não menos providencialmente destinadas.

O que faz dos *Lusiadas* um poema venerado no mundo, não é a belleza dos episodios ou colorido das descripções.

Não é a figura tremenda de Adamastor, ou o vulto sympathico de Ignez; não é a amenidade paradisiaca da ilha dos Amores, nem a ficção risonha das sereias, que impellem docemente as naus portuguezas na solidão do Oceano. É que o assumpto é de toda a christandade, porque é a inauguração solemne da moderna civilisação. Vasco da Gama não tem patria. É da Europa toda, e de todo o mundo civilisado. Os homens que iniciam uma grande transformação na humanidade tiveram o berço n'uma patria limitada, mas a posteridade agradecida inscreve-os solemnemente como proceres no livro de oiro da republica universal. Vasco da Gama pertence á mesma patria que tem por cidadãos a Colombo, a Newton, a Galileu, a Raphael, a Watt, a Galvani, a todos estes espiritos illuminados, que Deus despede

de si a espaços, como raios de luz sobrenatural, para doirar as trevas da humanidade.

É no cyclo das nossas glorias maritimas, que resplandecem os nomes mais illustres da historia nacional. É desde estes tempos, que os nomes portuguezes começaram a ser pronunciados com assombro pela Europa.

Desde os primeiros navegadores que se engolfaram no Oceano em demanda das mais remotas costas africanas até aos derradeiros mareantes, que já na decadencia do nosso esplendor e poderio, ainda legam um nome portuguez a uma ilha ou a um promontorio, novamente descoberto, que de appellidos illustrissimos, que de glorias venerandas, que de varões verdadeiramente benemeritos não só da patria — que é a patria estreito circulo para engastar uma grande gloria —

mas benemeritos da civilisação e da humanidade!

D'este numero é illustrissimo entre os mais illustres o nome de Fernão de Magalhães, que hoje representa a nossa estampa (*).

(*) Alude o autor ao retrato de Fernão de Magalhães, que acompanhava o presente estudo no *Archivo Pittoresco*.

A. V.

III

As empresas arrojadas e aventurosas de Christovão Colombo e Vasco da Gama foram o signal e o principio de uma serie ininterrupta de navegações e descobrimentos, que ainda hoje, depois de quasi quatro seculos, se proseguem com fervor no empenho de implantar a civilisação em toda a terra, e de completar a geographia.

Desde que, pelos annos 1000 da era christan, o scandinavo Leif Erik [1], desco-

---

[1] Leif, filho de Erik o vermelho, aportou á America Septentrional, e reconheceu as suas praias desde o ex-

briu a America do Norte, consequencia dos primeiros estabelecimentos norueguezes na Islandia (1) e na Groenlandia (2) até á moderna circumnavegação da fragata austriaca *Novara*, desde os imperfeitos conhecimentos geographicos consignados no *Opus majus* de Roger Bacon e no *Imago mundi* do cardeal francez Pedro d'Ailly ou d'Alliaco, até ás exactas e correctas informações que, ácerca da

---

tremo norte até 41° e meio de latitude boreal. Beijarn Herjulfssen havia já descoberto as costas americanas, sem ter tomado terra no novo continente em 986.

Vid. CHRISTIAN RAFN, *Antiquitates americanæ*, pag. 11, 93 e 304.

(1) Naddod avistou as costas da Islandia por meado do seculo x e Ingolf estabeleceu n'esta ilha o primeiro estabelecimento scandinavo em 875.

(2) A Groenlandia recebeu uma colonia islandeza em 983. «Till de nordislka landerna maste afven raknas Islandera, som bebyggdes af Norman. De besoekte, pa sina sjoeresor, Gronland och ett land, som de kælladde Winland, numera Norra Amerika. De hade salunda langt fóre Columbi tid upptackt Amerika». MELLIN, *Sveriges Historia,* Stockholm. 1839, pag. 121.

terra, nos offerece a moderna geographia, decorre uma successão de empresas, de aventuras e de investigações laboriosas, que é a mais alta e a mais illustre representação dos progressos da humanidade.

Singular condição dos destinos humanos, que seja o navio o primeiro instrumento das revoluções modernas, e que sejam as prôas que tracem no livro immenso do Oceano a historia mais eloquente da civilisação.

Desde que o aventuroso genovez sonha a sua gloriosa expedição e pede por especial mercê aos reis catholicos, que lhe dêem uns pobres navios, por meio dos quaes virão a ser os mais poderosos principes do mundo, o desejo das empresas maritimas chega a ser na Europa um fanatismo, uma d'estas sublimes loucuras, com que o mundo se revoluciona, se transforma, progride, melhora

e espedaça as cadeias da tradição, e deixa absortos perante não sonhadas maravilhas os proprios conquistadores.

O caminho mais breve entre a Europa e as regiões encantadas do Oriente é a preoccupação dos navegantes e o sonho dos cosmographos. Colombo e Amerigo Vespucci saudam as praias desconhecidas do Novo Mundo, julgando ter tomado terra n'uma região da Asia oriental [1], e haver resolvido o grande problema da cosmographia e da navegação. Se não tinham ancorado

---

[1] «Ainda que o navegador (Colombo), que por fins do seculo XV dirigia esta empresa grandiosa (o descobrimento da terra americana) não levava de certo o seu intento em aportar a uma nova região do mundo, se bem que seja certo haverem Colombo e Vespucci perseverado até á morte na crença de que haviam apenas reconhecido uma parte da Asia oriental, a expedição offerece comtudo os caracteres de um plano scientificamente delineado e conduzido». HUMBOLDT, *Cosmos*, tomo II, pag. 292. Ed. franceza.

junto das praias do remoto Zipangu (o Japão), que se julgava o termo suspirado e o premio digno de todas as expedições transatlanticas, deixaram, em seu conceito, aberta a estrada, por onde mais felizes, mas não mais audazes navegadores, iriam rematar a empresa começada. Se a inspiração com que Martin Alonso Pinzon, o companheiro de Colombo, se dizia illuminado, alcançou que o almirante genovez desistisse de seguir a supposta derrota para o Japão, e navegando para sudoeste, tomasse terra n'uma ilha americana, sempre é certo que o Novo Mundo se patenteou aos europeus por um d'estes erros felizes, que valem mil vezes mais do que a verdade.

Partir das costas europeias, fazer-se á vela no rumo de sudoeste, abordar ás regiões orientaes, e voltar depois

pelo mar das Indias, circumnavegando o globo inteiro, era a predilecta empresa dos grandes navegadores desde a primeira expedição de Christovão Colombo. Estando o almirante na ilha de Cuba, escrevia no seu diario, no 1.º de novembro de 1492: «Ficam defronte de mim, e muito proximas, Zayto e Guinsay do grão-Kan». Eram o Zaytun e o Quinsay de Marco Polo [1].

A ser verdadeira a narração de D. Fernando, filho do grande descobridor, e o testemunho de André Bernaldes, cura de los Palacios, o qual tratou intimamente e em sua casa hospedou o navegador, ao voltar da sua segunda expedição, deve acreditar-se haver Colombo, sempre infatigavel no proseguimento da

---

[1] HUMBOLDT, *Cosmos*, tomo II, pag. 564, nota 75. NAVARRETE, *Viages*, 7; *Descubrimientos*, tomo I, 46.

sua grande empresa, tentado, ao sair de Cuba, navegar para o occidente, com o proposito de voltar á Hespanha por mar, tornando por Ceylão, e costeando a peninsula africana, ou regressar por terra, fazendo-se na volta da Palestina.

Os loiros de Vasco da Gama tinham pois corrido o lance de exornarem a fronte de Colombo. A Providencia, que havia traçado em seus planos maravilhosos o engrandecimento da civilisação e a propagação da verdadeira fé nas mais dilatadas regiões, deu a Colombo o que elle menos invejava, rasgando-lhe o véo mysterioso que encerrava um Novo Mundo, a Gama a honra de descobrir, *por mares nunca d'antes navegados,* o novo caminho do oriente. Ambos os navegadores eram necessarios aos designios da Providencia, como gloriosos operarios de uma inesperada reformação.

A Colombo pertence, todavia, a primitiva traça de uma longa circumnavegação. A idéa que elle buscára iniciar não ficou perdida nem esteril. Na sua esteira navegaram os mais arrojados mareantes. Ao passo que progrediam os descobrimentos na costa oriental do Novo Mundo, recrescia o mais ardente desejo de encontrar uma passagem que, pelo norte ou pelo sul, levasse ás appetecidas regiões do Cathay e do Japão.

Havia-se tornado evidente aos mais incredulos o serem todas as costas já descobertas do Novo Mundo pertencentes a um vasto continente, que ia para o sul prolongando o seu extenso littoral.

Depois da empresa, que immortalisou Colombo, o facto mais notavel e fecundo na historia das relações entre o antigo e o Novo Mundo é sem contestação o descobrimento do mar do sul e

das costas occidentaes americanas, que tanto lustre accrescentaram ao nome de Balboa.

Alguns annos antes, o espirito eminente de Colombo se havia certificado de que ao occidente de Veragua havia um mar, ainda não frequentado de europeus, o qual (são as proprias palavras do almirante) poderia abrir caminho em menos de nove dias até á *Aurea Chersonesus* de Ptolomeu e á foz do rio Ganges. Lê-se n'uma carta de Colombo, que os littoraes oppostos de Veragua estão na mesma relativa situação em que demoram Tolosa no Mediterraneo e Fuenterabia na Biscaya, ou como Veneza no Adriatico, e Pisa na contracosta.

O descobrimento realisado por Balboa era a confirmação das idéas de Colombo.

O intento, sempre dominante, de buscar uma passagem directa, ao norte ou ao meio dia, para chegar no mais breve transito até ás desejadas regiões da especiaria, continuava a achar nos mais aventurosos navegadores os apostolos praticos da grande revolução que se julgava a ponto de operar-se na geographia, e no tracto mercantil com os paizes orientaes. A civilisação esperava n'este momento um homem d'estes que a Providencia designa com o seu dedo omnipotente, quando tem determinado voltar mais uma folha no livro da sciencia e da civilisação.

IV

Fernão de Magalhães appareceu para continuar as façanhas e as glorias maritimas de Colombo, de Solis e Vasco Nunes de Balboa.

Seis annos depois que Balboa (diz Alexandre de Humboldt) com a espada na mão se mettia nas ondas até ao joelho, e pensava tomar posse do mar do sul em nome de Castella, dois annos depois que a sua cabeça rolava no cepo do verdugo, quando foi a insurreição contra o despotico Pedrarias de Avila, cruzava Magalhães o mesmo mar do

sudoeste ao noroeste n'um espaço de 1850 myriametros (1).

Fernão de Magalhães começou a cursar os exercicios de guerra n'aquelle grande e lustroso theatro onde ceifavam as suas palmas, e os seus loiros, os Almeidas e os Albuquerques.

Educado na côrte dos reis, ao serviço da rainha D. Leonor, e depois na de el-rei D. Manuel, não era o seu animo varonil e aventureiro para casar-se de boamente com o remansado viver dos paços, onde o ocio é apenas temperado pelas futeis occupações da etiqueta cortezan. Sentia-se porventura enclausurado o espirito d'aquelle que de nada menos se satisfez, que de navegar extensos mares desconhecidos e legar o seu nome

---

(1) HUMBOLDT, *Cosmos*, tomo II, pag. 326. Trad. fr. de Galusky.

aos fastos mais illustres da moderna geographia.

Quasi logo ao principiar das gloriosas guerras da India se foi a provar fortuna, levando por mestre e capitão tão exemplar soldado como D. Francisco de Almeida, o qual ia então a governar e adiantar as conquistas portuguezas com titulo de seu primeiro vice-rei.

Logo a poucos passos se illustrou por uma acção nobilissima, que arguia ao mesmo tempo a sua galhardia e brios de navegante, e a fidalga generosidade do seu grande coração.

Vinha Fernão da India para o reino em certa nau. Aconteceu dar a embarcação nos baixos de Angediva. Não desamparou Fernão de Magalhães o navio, antes com sua prudencia e a auctoridade de seu animo esforçado conteve a guarnição até que vieram soccorrel-a n'esse

lance. O capitão da nau propunha ao brioso portuguez que n'uma canoa se salvasse. Acceitára Magalhães o alvitre, com tanto que levasse comsigo um seu companheiro, com quem, apesar de menos illustre por nascimento e condição, tinha tracto de amizade. Oppoz-se o capitão a que na barca se salvasse tambem o amigo de Magalhães; e Fernão, por um acto de generosa abnegação e de fidalga humanidade, antes quiz preparar-se para morrer, salvando o que devia á obrigação, do que comprar a vida por tão baixo preço de egoismo.

Achou-se Fernão de Magalhães na primeira empresa de Malaca com Diogo Lopes de Sequeira, e não desmentiu n'esta façanha gloriosa das armas portuguezas, os loiros que, por outras acções, lhe cingiam a fronte juvenil.

Em Azamor, saindo uma vez a sal-

tear os moiros, recolheu-se á praça com mais de oitocentos prisioneiros e copioso despojo dos inimigos, custando-lhe a facção uma lançada de que veiu a ficar com alguma deformidade no andar.

Depois de cruzar os mares, de pelejar na Africa e na India, julgou serem bastantes os serviços que prestára, para que el-rei lhe concedesse em galardão um accrescentamento na moradia, que, como fidalgo da sua casa, recebia.

Era D. Manuel grande remunerador de bons serviços, e mórmente dos que eram praticados nas conquistas, em cujo progresso, primeiro que tudo, se empenhava. Mas D. Manuel era rei, e ainda que monarcha absoluto no governo, sempre havia de ter ilhargas, por cuja conta corresse o afrouxar ou cerrar a bolsa da real munificencia. Desde que houve reis e côrtes, houve tambem logo

invejosos e cortezãos, que se adiantavam ao throno para tomar o passo aos benemeritos. Que muito é pois que o soldado que voltava da Africa e da India, com petição tão justa quão modesta, achasse, ao entrar nos paços, quem fosse segredar a el-rei umas sonhadas malversações, uns senões calumniosos, com que a intriga de aulicos e o ciume de espiritos mesquinhos intenta sempre deslustrar a maior virtude e embaciar o mais peregrino entendimento?

Tambem Cervantes jazeu nos ferros de Castella, por lhe arguirem más contas no officio que servia, e não lhe valeu contra a inveja nem o tiro de arcabuz, com que ficára manco, desde a jornada de Lepanto, nem o ser principe dos engenhos hespanhoes do seu tempo e porventura dos seculos vindouros.

El-rei D. Manuel, em vez do despa-

cho que Fernão de Magalhães sollicitava, ordenou que voltasse á Africa a justificar-se das accusações que lhe faziam.

Soffreu o illustre portuguez o desaire do mau despacho, e a affronta ainda maior de lhe taxarem a honra com suspeitas. E determinando de passar á Africa, d'ali volveu pouco depois trazendo as provas que testemunhavam a falsidade das imputações. Tornou a requerer, o que sem petição lhe devia attribuir a justiça da côrte, se côrte e justiça não andassem desavindas desde tempos immemoriaes. Atravessaram-se os invejosos, e el-rei, cerrando os olhos ao merecimento, dizem que foi premiar pelos feitos de Magalhães os que n'elles tiveram menor parte.

Fernão de Magalhães era portuguez, mas antes de ser portuguez era homem, e homem que se sentia interiormente

predestinado para altas empresas e glorias immortaes. Podia dissimular então a injuria, indo novamente á India vingar-se, morrendo pelo rei, que assim o tinha aggravado. Fernão de Magalhães, a quem davam realce os espiritos elevados com que o dotou a natureza, entendeu que patria e rei, que de si o demittiam, negando-lhe o honesto salario de seus serviços, e trocando-lhe o premio pela indifferença, não eram rei nem patria a quem se devesse fidelidade. De mais, o portuguez esclarecido trazia já na mente a traça do grande commettimento que devia illustrar o seu nome, e vinculal-o perennemente nos fastos das nações. Se lhe negavam tres cruzados por anno, para os quaes tinha posto a juros a sua espada na India, e o seu sangue em Azamor, o que não havia de ser, quando elle pedisse a el-rei que lhe désse dois

navios para ir correr os mares e descobrir novos dominios á coroa de Portugal? Como havia de fiar a sua futura gloria de quem já lhe punha abertamente em duvida a passada fama de suas façanhas? Claro estava que não havia de ser mais bem succedido na petição de heroe do que fôra então na de requerente e de soldado.

Eis aqui como Gaspar Corrêa, na simplicidade do seu estylo e na incorrecção habitual da sua linguagem, narra a petição de Magalhães, e o mau despacho d'el-rei:

«...; o qual Fernão de Magalhães indo ao reino, allegando a el-rei seus serviços, e pedindo em satisfação que lhe acrescentasse cem réis em sua moradia por mez, o que lhe el-rei denegou, por lhe não cair em graça, ou porque assim estava permittido que havia de ser; Fer-

não de Magalhães d'isto aggravado, porque o muito pediu a el-rei e elle o não quiz fazer, lhe pediu licença para ir viver com quem lhe fizesse mercê, em que alcançasse mais dita que com elle. El-rei lhe disse que fizesse o que quizesse; pelo que lhe quiz beijar a mão, que lhe el-rei não quiz dar» [1].

Fernão de Magalhães desnaturalisou-se de portuguez, e foi-se a Castella pedir que o inscrevessem ali como cidadão.

Fez mal? Fez bem?

Castella era n'aquelle tempo, como antes, como depois, a inimiga de Portugal, ainda quando a paz dissimulava

---

[1] *Lendas da India,* por GASPAR CORRÊA, tomo II, parte II, pag. 625 e 626. Escrevemos a citação com moderna orthographia, porque não participamos do respeito superesticioso pela escripta barbara, nem professamos a religião da cacographia.

nas apparencias da concordia a hereditaria hostilidade das duas coroas peninsulares, que aspiravam á exclusiva supremacia. Castella era a émula de Portugal nas conquistas transatlanticas. Castella era na Europa a nação perpetuamente cobiçosa da estreita orla occidental que as lanças portuguezas haviam sempre defendido contra os partidarios da unidade hispanica; era nos mares o estado que comnosco litigava o imperio e poderio. Renegar a patria e ir-se a Castella era tão feia acção como na antiguidade o acolher-se um atheniense ou um espartano á côrte dos reis da Persia, depois de haver contra elles pelejado em Marathona ou em Plateia.

Desnaturalisar-se de portuguez e ir offerecer a sua espada aos reis catholicos era porventura maior sacrilegio,

então, do que renegar a pureza da verdadeira fé, e transviar-se nos erros de Luthero e de Calvino.

No portuguez não foi para ser louvada a represalia. No homem que havia de pertencer á civilisação e á humanidade mais do que aos estreitos limites da sua patria, podêmos relevar o impulso da offendida dignidade e do amor proprio justificado.

Para ser portuguez havia de ver menosprezada a sua gloria e mal galardoados os seus feitos. Para não faltar á religião da patria havia de faltar á religião de honra; havia de devorar as affrontas em silencio, e reprimir no peito os rebates da sua varonil indignação. Para ser portuguez havia de votar-se talvez para sempre á obscuridade, e ver frustrado o seu empenho de conquistar para si um nome illustre, a par de quan-

tos houve mais distinctos na historia das modernas navegações.

Com a fidelidade de Fernão de Magalhães lucrava a patria e o rei um natural e um vassallo. Mas perdia o drama glorioso dos descobrimentos transatlanticos um eminente personagem, Portugal um nome venerando, a moderna civilisação um d'estes fervorosos operarios que da espada e do navio tem feito os mais poderosos instrumentos do progresso.

Fernão de Magalhães pagou-nos generosamente o desamor e affronta de renegar-nos. Servia a Castella quando circumnavegava o globo. Mas o nome de Magalhães ficou sempre portuguez, e a gloria das suas navegações ha de ser perpetuamente gloria tambem de Portugal.

V

Foi-se Fernão de Magalhães a Castella, levando em sua companhia a Ruy Faleiro, perito cosmographo portuguez, e a outros navegantes da mesma nação, os quaes iam dispostos a seguil-o na sua boa ou má fortuna. Já então lhe era inabalavel convicção a de que seria possivel encontrar a desejada passagem para a India Oriental, navegando ao sul do Novo Mundo. O plano predilecto de Colombo achou em Fernão de Magalhães um devotado continuador.

Avistou-se em Sevilha o portuguez, já então desnaturalisado de sua patria,

com os officiaes da contratação, e lhes propoz o intento que levava. Passando depois á côrte, o acolheu benignamente o ministro cardeal D. Fr. Francisco Ximenes de Cisneros, que tanto se empenhava pelo engrandecimento e poderio da coroa castelhana, e que desejou accrescentar os dominios hespanhoes, como bem o demonstrou na jornada de Oran, que elle proprio dirigira, vestindo o arnez sobre a purpura romana. Prometteu o cardeal a Magalhães que á volta do imperador, que então andava em Flandres, lhe seria despachada a sua justa petição.

Oiçamos o singelo historiador Gaspar Corrêa, narrando com sua nativa sinceridade os successos de Magalhães.

«... Fernão de Magalhães se foi a Castella ao porto de Sevilha, onde se casou com a filha de um homem prin-

cipal, com tenção de navegar pelo mar, porque entendia muito da arte de piloto, que era *esperico* [1]. Em Sevilha tinha o imperador a Casa da Contratação, com seus regedores da fazenda, com muitos poderes, e grande tráfego de navegação e armadas para fóra. Fernão de Magalhães, atrevido em seu saber, com a muita vontade que tinha de anojar el-rei de Portugal, falou com os regedores da Casa da Contratação, e lhes disse que Malaca e Moluco, ilhas em que nascia o cravo, eram do imperador pelas demarcações que havia d'entre ambos; pelo que el-rei de Portugal contra direito possuia estas terras; e que isto elle o faria certo ante todos os doutores que o contradissessem, e a isso obrigaria a

---

(1) O mesmo que *espherico,* homem sabedor da *esphera,* ou das coisas da cosmographia.

cabeça. Ao que os regedores lhe responderam que bem sabiam que elle falava verdade, e o imperador assim o sabia, mas que o imperador não tinha navegação para lá, porque não podia navegar pelo mar da demarcação d'el-rei de Portugal. Fernão de Magalhães lhes disse: «Se me derdes navios e gente, eu mostrarei navegação para lá, sem tocar em nenhum mar nem terra d'el-rei de Portugal». E senão que lhe cortassem a cabeça. Do que os regedores muito contentes o escreveram ao imperador, que lhes respondeu que havia prazer com o dito e muito mais haveria com o feito; que elles tudo fizessem, guardando seu serviço e as coisas d'el-rei de Portugal, que não fossem tocadas, e que antes tudo se perdesse. Com a qual resposta do imperador falaram com o Magalhães e com elle muito se affirma-

ram no que dizia, que navegaria e mostraria o caminho por fóra dos mares d'el-rei de Portugal; que lhe dessem os navios que pedisse, gente, artilheria e o necessario, que elle cumpriria o que dizia, e descobriria novas terras que estavam na demarcação do imperador, d'onde traria oiro, cravo, canella e outras riquezas; o que ouvido pelos regedores, com grande desejo de fazer tamanho serviço ao imperador, como era descobrir esta navegação, e por fazerem esta coisa mais certa, ajuntaram pilotos e *espericos,* que sobre o caso disputaram com o Magalhães, que a todos deu suas razões, que concederam no que dizia e affirmaram que era homem mui sabido» [1].

Chegando a Hespanha Carlos v, se

---

[1] Gaspar Corrêa, *Lendas da India,* tomo II, parte II, pag. 626.

foi Magalhães á cidade de Burgos, onde estava então o Cesar, e perante a sua presença proseguiu nas diligencias da sua empresa. Opiniou favoravelmente o conselho de Castella sobre a proposta do navegante portuguez. Accedeu a final o imperador, e fazendo a Magalhães a mercê do habito de Santiago e nomeando-o capitão de suas frotas, ordenou que em Sevilha se lhe fizessem prestes cinco caravellas, com que havia de partir em sua projectada expedição.

Mediando os concertos entre Magalhães e o imperador, succedêra enlouquecer o cosmographo Faleiro, que até então fôra socio de Fernão, com o que teve Magalhães de se embarcar sem o companheiro, tomando á sua conta exclusiva os futuros cuidados d'aquella empresa.

Designado Fernão de Magalhães por

capitão-mór da expedição entrou a governar a *Trinidad*, que ia por capitania. A segunda caravella *Santo Antonio* capitaneava João de Cartagena. A terceira, por nome *Concepcion*, mandava Gaspar de Quesada, e fazia n'ella o officio de piloto o celebrado Elcano, que mais particularmente partilhou com Magalhães as glorias d'esta longa navegação e descobrimento. A quarta, cuja invocação era *Victoria*, commandava Luiz de Mendonça. Na caravella *Santiago* embarcou de capitão João Serrano, que era ao mesmo tempo piloto-mór de toda a frota. Tripulavam ao todo as cinco embarcações duzentos e trinta e sete homens, que não seriam hoje sufficientes para guarnecer um só navio que se destinasse a tão diuturna e aventurosa navegação, como aquella que iam então emprehender.

Sigamos a narração de Gaspar Corrêa, descrevendo as vistas de Magalhães com o imperador, e os aprestos da pequena armada:

«... Fernão de Magalhães foi a Burgos, onde estava o imperador e lhe beijou a mão, e o imperador lhe deu mil cruzados de acostamento para gasto de sua mulher em quanto fosse sua viagem, assentado na vassallagem de Sevilha, e lhe deu poder de baraço e cutello em toda a pessoa que fosse na armada, de que seria capitão-mór; do que lhe assignou grandes poderes; com que tornado a Sevilha, lhe foram concertados cinco navios pequenos, como elle pediu, concertados e armados como elle quiz, com quatrocentos homens de armas, em que lhe carregaram as mercadorias que elle pediu. Os regedores lhe disseram que elle désse as capitanias, do que elle se

escusou dizendo que era novo na terra, que não conhecia os homens; que elles os buscassem que fossem bons e fieis ao serviço do imperador, que folgassem por seu serviço de levar trabalhos e má vida que haviam de passar na viagem. O que os regedores muito lhe tiveram a bem e bom aviso, e que aos capitães que fizessem e gentes que levasse primeiro lhes notificassem os poderes que levava do imperador. O que assim fizeram, e em Sevilha buscaram homens de confiança para capitães, que foram João de Cartagena, Luiz de Mendonça, João Serrano e Pero de Quesada» [1].

Esta narração de Gaspar Corrêa discorda apenas do que referem os ou-

---

[1] Gaspar Corrêa, *Lendas da India,* tomo II, parte II, pag. 627.

tros historiadores em dizer que Magalhães levava em sua frota quatrocentos homens, e chamar Pero de Quesada ao que outros escrevem com o nome de Gaspar, que elle proprio depois no decurso da narração lhe restitue.

Largou de Sevilha a armada em 1 de agosto de 1519, e aos 27 de setembro desaferrou do porto de San Lucar, aproando ao rumo das Canarias. Tomando terra em Tenerife para refrescar e aperceber-se de vitualhas, passando na volta de Cabo-Verde e indireitando para a America, surgiram na bahia de Santa Luzia, d'onde sairam a 27 de dezembro. Chegando ao rio da Prata, foi a nau *Santiago* pelo rio acima, até 25 legoas de sua foz, e veiu trazendo nova de que o rio se alargava para o norte. Foram seguindo a costa para o sul, e aos 42° e 30′ de latitude austral,

entraram n'uma grande bahia, a que pozeram nome de S. Mathias, e suspeitando que por ali podesse haver passagem para o mar do sul, a andaram buscando n'aquellas aguas, por umas cincoenta legoas de navegação, sem a poderem descobrir. D'ali se foram, sempre costeando, até surgir na bahia de S. Julião.

Tomada lingua com a gente da terra, que eram os celebrados patagões, de quem se phantasiavam tantas fabulas, e captivos alguns d'elles, entraram os capitães de tres das caravellas em aberta insurreição contra Magalhães. Por salvar sua auctoridade e segurar a continuação da empresa, os mandou elle punir de pena capital, depois que já não eram bastantes a reprimil-os o conselho e persuasão, com o que vieram a cessar as alterações que havia na frota e a prevalecerem

os designios de Magalhães, o qual invernou n'aquellas paragens, *em que* (como diz Gaspar Corrêa) *espalmou* e *concertou muito bem os navios.*

Dêmos a palavra ao incorrecto chronista das *Lendas,* para lhe ouvirmos narrar, em sua rude mas pittoresca linguagem, as coisas da expedição desde que largou das costas hespanholas até ao ponto da conjuração.

«A qual armada concertada com a gente paga por seis mezes, partiu de San Lucas *(San Lucar)* de Barrameda em agosto do anno de 1519. Com que navegou ás Canarias e fez aguada. Onde estando lhe chegou um barco com cartas de seu sogro, em que lhe dava aviso que tivesse em sua pessoa boa vigia, porque tinha sabido que os capitães que levava disseram a seus amigos e parentes, que se elle os anojasse que o

matariam e se levantariam contra elle. Ao que lhe respondeu que elle lhes não fazia aggravos porque elles tivessem razão de o fazer; que por isso elle os não fizera, mas os regedores lh'os deram, que os conheciam; que, bons ou maus, elles trabalhariam por fazer o serviço do imperador, que a isso offereceram a vida. A qual resposta o sogro mostrou aos regedores, que muito louvaram o coração de Magalhães.

«Partiu-se das Canarias de Tenerife e foi demandar o Cabo-Verde, d'onde atravessou á costa do Brasil, e foi entrar n'um rio que se chama Janeiro... E d'aqui foram navegando até chegarem ao cabo de Santa Maria, que João de Lisboa descobrira no anno de 1514, e d'aqui foram ao rio de S. Julião, onde estando tomando agua e lenha João de Carta-

gena, que era sota capitão-mór, se concertou com os outros capitães que se levantassem, dizendo que o Magalhães os levava enganados e vendidos. E porque elles entendiam que o Gaspar de Quesada era amigo do Magalhães, o João de Cartagena se metteu no seu batel, de noite, com vinte homens e se foi á nau de Gaspar Quesada e entrou a falar com elle, e o prendeu, e fez capitão da nau um seu parente, para logo todos tres irem abalroar o Magalhães e o matarem. E logo renderiam a outra nau de João Serrano e tomariam o dinheiro e fazenda, que esconderiam, e se tornariam ao imperador, e lhe diriam que o Magalhães os levava vendidos e enganados, fazendo traição a seus regimentos, porque ia navegando pelos mares e terras d'el-rei de Portugal: do qual feito primeiro haveriam seguro do

imperador. Com que se ordenaram na traição, que lhe saíu mal» [1].

Usou Fernão de Magalhães de extrema severidade para com os capitães, que se haviam alevantado contra elle e andavam apostados para o matar. Foi summarissimo o processo, com que os sentenciou a pena capital, porque nem houve sequer allegação, antes sem que n'isso cuidassem, nem houvesse tempo para prevenções, os salteou em seus navios e fez n'elles justiça cruelissima. Porque a Luiz de Mendonça o colheu á traição, e em sua mesma caravella o degolou com uma adaga (segundo conta Gaspar Corrêa), o meirinho Ambrosio Fernandes, com quem se concertára para este effeito o capitão-mór. E

---

[1] Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, tomo II, parte II, pag. 628.

chegando Magalhães á nau de Luiz de Mendonça, *com a gente armada e artilheria prestes* [1], elegeu para capitão a Duarte Barbosa, *homem portuguez seu amigo,* e *mandou enforcar nas vergas seis homens, que se alevantaram contra o meirinho, e pendurar pelos pés o corpo de Mendonça que o vissem das outras naus.* Veiu depois Fernão de Magalhães junto da caravella de João de Cartagena, e por ardil de que usou para evitar um recontro, onde poderia derramar-se muito sangue, entrou na embarcação e ao Cartagena prendeu e *mandou esquartejar com pregão de traidor;* e elegeu por capitão a Alvaro de Mesquita, que o rebelde castelhano *tinha preso em ferros, porque o reprehendeu do alevantamento que fazia.*

---

(1) Todas as palavras em italico são de Gaspar Corrêa e acham-se nas *Lendas da India,* tomo II, parte II, pag. 629.

É muito para acreditar que os hespanhoes, de que pela maior parte se compunha a tripulação, tivessem ojeriza ao capitão-mór, porque sendo portuguez, posto que homem principal e promotor da expedição, recebêra o governo d'aquella empresa. O que já succedêra com o genovez Colombo, agora com maior rigor e desacato á auctoridade de que ia revestido, o intentaram os rebeldes capitães contra Fernão de Magalhães. Já muito de antemão iam os castelhanos apparelhados para a desobediencia e rebellião, como claramente o patenteavam as cartas recebidas pelo Magalhães em Tenerife.

Não era apenas a vida que o illustre portuguez havia de perder, se chegasse a vingar a sedição dos hespanhoes. Era a propria empresa em que se empenhava, e a gloria que já sonhára para si, e os

loiros immortaes de ousado aventureiro e de feliz descobridor. Dissimular a conjuração e esperal-a resoluto, era dar a victoria segura aos inimigos. Reprehender nos sediciosos o mau feito que intentavam, e oppor o prestigio moral da auctoridade á força material dos conspiradores, era arriscar-se a ver desacatada a auctoridade de sua pessoa, e entregar, com resignação de bom christão, mas com imprevidencia de mau soldado, a cabeça ao ferro dos conjurados, e a idéa ao desamor e desamparo de quem tinha delineado trocar a gloria propria, e o serviço do imperador, por alguns punhados de oiro, com que se volveria á patria.

A necessidade obriga muitas vezes os que governam a parecerem duros de coração para não faltarem aos essenciaes deveres do cargo e a tornarem cruenta a justiça em alguns maus para salvarem de

maiores calamidades a muitos bons e innocentes, e sobretudo para levarem a cabo a traça de que depende uma nova conquista social. A idéa, com ser immaterial e, ao parecer, inerme e inoffensiva, tem deixado muitas vezes na sua marcha triumphante um sulco de sangue em seu caminho.

Absolvamos pois o nosso Fernão de Magalhães do que teve de cruel o seu procedimento, e sigamol-o outra vez em sua derrota.

A 24 de agosto de 1520 se fizeram de novo ao mar as caravellas.

Pouco depois naufragou, na violencia de uma borrasca, a nau *Santiago,* em que ia o piloto-mór João Serrano, sem que houvesse que lastimar a perda da tripulação e da fazenda.

Navegaram as quatro caravellas que ainda restavam, até darem fundo n'um

rio a que pozeram nome Santa Cruz, e guarecendo-se ali contra os temporaes, e fazendo aguada e provisão do que a terra podia ministrar, a 18 de outubro se aventuraram de novo ao Oceano.

Em breves singraduras deram vista de um promontorio, e por ser em dia em que a egreja celebra as onze mil virgens, lhe pozeram nome *Cabo das Virgens,* com que ainda hoje é conhecido, e demora quasi no extremo austral do continente americano. Notaram os da nau *Victoria* que a sul do cabo o mar se ia internando. Reconhecida então a costa, se descobriu que era ali a boca de um estreito a que os homens da caravella chamaram ao principio *estreito da Victoria* [1].

---

[1] Gaspar Corrêa diz que lhe pozeram o nome de *rio da Victoria*. «Então se partiu do rio e correu ao longo

Mandou o capitão-mór que as tres naus, *Concepcion, Victoria* e *Santo Antonio,* se fossem a alcançar noticias mais exactas d'aquelle estreito, em quanto Magalhães na *Trinidad* os ficava esperando por cinco dias, e indo as caravellas pelo estreito dentro, succedeu rebellar-se a tripulação contra Alvaro de Mesquita, que ia n'uma d'ellas por capitão, prendendo-o e fazendo-se logo á véla para Hespanha.

«D'este rio [1] (diz Gaspar Corrêa) lhe fugiu a nau de Mesquita, que não soube se o mataram ou se foi por sua

---

da costa até chegar a um rio, a que poz nome da *Victoria,* que tinha a terra alta de ambas as bandas». *Lendas da India,* tomo II, parte II, pag. 630.

[1] Gaspar Corrêa chama rio n'este logar ao estreito de Magalhães, como se deprehende do que diz mais adiante: «Então o Magalhães, com os tres navios, que tinha, se foi pelo *rio* dentro, porque correu passante de cem legoas e *saiu da outra banda do rio*».

vontade; mas um adivinhador *estrolico* (1) lhe disse que o capitão ia preso e se tornaram para Castella, mas que o imperador lhe faria mal» (2).

Voltaram as duas naus trazendo ao capitão-mór apraziveis novas ácerca do que suppunham ser estreito.

Como não chegava a caravella de Mesquita, esteve o capitão-mór á sua espera por muitos dias, até que tomando conselho com os outros capitães, determinou engolfar-se no estreito, e navegando sem descobrir em uma e outra costa outros signaes de habitadores, mais do que os fogos que via accesos sobre os serros, saiu a final no Mar do Sul, a 27 de novembro de 1520, depois de

---

(1) Astrologo.

(2) Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, tomo II, parte II, pag. 630.

ter gastado vinte e dois dias n'esta derrota.

O estreito novamente descoberto recebia o nome de Magalhães, que ainda hoje conserva, e mais uma gloria portugueza ficava memorada nos fastos da moderna geographia.

VI

Um portuguez descobriu o Oceano navegando sempre desde Hespanha, sem haver como Balboa descoberto das alturas de Quarequa, no isthmo de Panamá, aquelle mar desconhecido [1].

---

[1] Alguns dias depois de haver Balboa descoberto o Mar do Sul, o hespanhol Alonso Martin achando um caminho desde Quarequa até ao porto de S. Miguel, foi o primeiro europeu que sulcou o Mar do Sul navegando sobre elle n'uma canoa. PETR. MARTYR D'ANGHIERA, Epist. DXL, pag. 296. ACOSTA, *Compendio historico del descubrimento de la Nueva Granada,* pag. 49. HUMBOLDT, *Tableaux de la Nature.* Trad. de GALUSKY, tomo II, pag. 372, nota 18.

Magalhães atravessou o Pacifico (que assim ficou sendo chamado aquelle mar pela fama de bonançoso), trazendo nas suas aguas no rumo de noroeste uma loxodromia de mil e oitocentos e cincoenta myriametros da nossa actual medida itineraria, e na vasta região que se chama Polynesia. Por 16° e 15′ de latitude deu vista de uma ilha deserta, a que chamou de S. Paulo, e mais adiante em 11° e 18′ passou n'outra ilha, a que poz nome dos Tubarões.

Navegando sempre a noroeste passou Fernão de Magalhães a 13 de fevereiro de 1521 o equador, e chegando aos 13° de latitude boreal, descobriu um archipelago, a que chamou *ilhas dos Ladrões,* por lhe parecer que os indios seus habitadores eram mui inclinados á rapina.

Descobertas as ilhas, a que Maga-

lhães poz nome dos *Ladrões*, e ao depois foram conhecidas com o nome de *Mariannas*, que hoje dura, buscadas em terra as provisões que se poderiam encontrar para remediar a extrema necessidade que sentiam, continuou a pequena frota no mesmo rumo que levára, e entrou, depois de não mui larga navegação, em um archipelago até então desconhecido.

Demoravam n'elle muitas ilhas, por entre as quaes foram navegando as caravellas, servindo de pilotos os indios do archipelago.

Chamou Fernão de Magalhães ao grupo de ilhas novamente descoberto o archipelago de S. Lazaro. Correndo depois o tempo, lhe mudaram os hespanhoes o nome no de Philippinas, que hoje tem, em honra de Philippe II. Parecendo-lhe a terra accommodada para as-

sentar com seus naturaes tractos de boa amizade, e lançar os fundamentos de uma nova christandade em tão afastadas regiões, determinou o capitão-mór de concertar allianças com muitos dos régulos, e alcançou que alguns d'elles, abjurando suas gentilidades, e confessando a verdadeira fé, dessem obediencia ao imperador.

Estava Magalhães na ilha de Zebú, uma das que demoram na parte central do archipelago, e recebia do rei amigavel hospitalidade, quando lhe veiu nova que o da ilha de Matan, menos docil ao commercio de europeus, ou mais aferrado a suas abusões e barbaros costumes, se levantára contra os que julgava insolentes oppressores, e negava seu preito ao imperador. Referem muitos historiadores, e entre elles com mais veneranda auctoridade o nosso João de Bar-

ros e o celebrado Pedro Martyr de Anghiera ([1]), que o Magalhães, apesar da pouca gente que então levava, não podendo relevar a ousadia do indio rebellado, se partira de Zebú, levando comsigo

---

([1]) Pedro Martyr *di Anghiera,* por haver nascido n'esta povoação do Milanez em 1455, entrou ao serviço dos reis catholicos Fernando e Isabel, a quem serviu por muitos annos, sendo por elles enviado embaixador á Senhoria de Veneza e ao Egypto. Tendo passado em Castella uma grande parte de sua vida, certamente por aquelles tempos, em que principiavam e proseguiam os descobrimentos e conquistas do Novo Mundo, aproveitou os ocios que lhe restavam de seus encargos para escrever em latim uma historia d'aquellas navegações, com o titulo *De navigatione et terris de novo repertis* (Da navegação e das terras novamente descobertas), em que narra em presença dos testemunhos valiosos de seus contemporaneos as coisas do Novo Continente. Além de uma relação curiosa da sua embaixada ao Egypto, deixou uma preciosa collecção de cartas, onde se encontram numerosos subsidios para a historia dos descobrimentos do Novo Mundo. Saíu á luz esta collectanea epistolar com o titulo *Epistolæ de Rebus Hispanicis*. É Pedro Martyr havido na conta de excellente auctoridade, para tudo quanto se refere aos descobrimentos e navegações que até ao seu tempo se haviam levado a cabo.

quarenta homens, e dera na ilha de Matan, com menos fortuna do que mereciam os altos espiritos e a heroica resolução do esforçado capitão e destemido navegador. Porque o régulo rebelde, juntando a gente que tinha mais á mão, e que fazia um corpo de tres mil homens, recebeu a investida do portuguez, com tão mau semblante, que os da frota se viram obrigados a retrair-se, com perda de muita gente, em que houve principalmente a lastimar a morte de Magalhães, que n'aquelle recontro acabou sua peregrinação, sellando com o seu sangue generoso, a que veiu a ser pouco depois, apesar d'aquelle desbarato, nova e preciosissima conquista para a coroa de Castella.

Succedeu a facção aos 26 de abril de 1521, havendo passado um anno e sete

mezes desde que de S. Lucar partira a expedição.

Differe da narração que summariámos, e que anda vulgar nos historiadores, a que da morte de Magalhães nos deixou Gaspar Corrêa. Oiçamol-o contar os feitos do capitão-mór desde que entrou o estreito de seu nome, até achar sua morte gloriosa ás fréchadas dos gentios do Matan.

«Então o Magalhães com os tres navios que tinha, se foi pelo rio dentro, porque correu passante de cem legoas, e saíu da outra banda ao mar largo, onde lhe deu levante á popa, com que correram mais de cinco mezes sem amainar, e foram dar em umas ilhas despovoadas, e em uma d'ellas acharam gente selvagem, que vivia em covas debaixo do chão. Foram a outra ilha, que lhe davam oiro por peso de ferro; com que re-

colheram muito oiro; e a gente de boa condição que tinham rei; gente bem tractada, que tinham guerra com outros visinhos, que mais podiam; pelo que o rei se fez christão com toda sua gente, porque o Magalhães o ajudasse contra seus imigos» [1].

Não refere Gaspar Corrêa que ilhas seriam aquellas de que falla. É muito para notar a contradicção em que o historiador caíu ao dizer que eram despovoadas, e que em uma d'ellas achou Magalhães gente selvagem, verdadeiros troglodytas, que em covas faziam sua habitual vivenda. Por este logar e muitos outros que depara a leitura das *Lendas da India*, se deprehende em que suspeições devem ser tidas, algumas

(1) Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, tomo II, parte II, pag. 630.

vezes, as narrativas d'este singelo e quasi barbaro chronista das coisas orientaes.

A ilha, aonde foi ao depois Magalhães e seus guerreiros, e que tinha gente de boa condição, é de suppor que seria uma das ilhas Philippinas, talvez a de Zebú, com cujo régulo assentou suas pazes e allianças o esforçado capitão-mór. Oiçamos o que diz Gaspar Corrêa, recontando como Fernão de Magalhães achou lastimoso fim, por diversa maneira da que testemunham os demais historiadores de sua empresa.

«Ao que se offereceu o Magalhães, e com a gente armada e com os da terra foi dar nos imigos, de que matou muitos, e lhe queimou o logar; e os imigos houveram ajuda de outros, e muitos vieram pelejar com o Magalhães, que os

desbaratou e lhes correu o alcance muito longe. O que fizeram com manha, porque tinham ciladas de gente mettidas no mato, que vendo os castelhanos cansados, sairam a elles e mataram muitos, e outra cilada saíu do mato a tomar os bateis que estavam na praia sem gente; ao que saíu o rei, e pelejou com elles e defendeu os bateis e colheu a gente» (1).

Continúa Gaspar Corrêa a sua narrativa, contando como o rei vencido se concertou com o outro, em cujo auxilio pelejára o Magalhães, e deu traça para que o matassem em um banquete, que na ilha, ao parecer amiga, lhe haviam de offerecer a elle e a seus mais luzidos companheiros.

---

(1) GASPAR CORRÊA, *Lendas da India*, tomo II, parte II, pag. 630.

«O rei fugido, vendo-se assim desbaratado, tratou traição com o rei christão, e fez com elle concerto de casamento com sua filha, e com suas juras que morrendo elle, que era já velho, tudo lhe ficaria e viveriam sempre amigos; porque os castelhanos se haviam de ir, e, se o não fizesse, para sempre lhe faria guerra; e isto com condição que lhe havia de dar modo como matasse os castelhanos. O que o rei christão, como homem bestial, consentiu na traição, e fez grande festa e banquete pelo vencimento, ao que convidou o Magalhães, que foi ao banquete com trinta homens, os mais honrados e bem vestidos; onde estando no banquete folgando, entraram os imigos armados, que mataram o Magalhães e os castelhanos, que nenhum escapou e o Serrão (Serrano) despiram, e arrastando o leva-

ram á praia, onde o justiçaram e mataram arrastado» [1].

Differe substancialmente, como se vê, a narração de Gaspar Corrêa da historia geralmente acreditada sobre o tragico fim de Fernão de Magalhães. Segundo Barros, Pedro Martyr, Herrera e Oviedo, o heroe portuguez acaba gloriosamente os seus dias n'um recontro, aonde a sua temeridade o levára a pelejar com innumeros gentios. Morre como guerreiro, mas em vez de triumphar na referta com os de Matan, é por elles mais que vencido, morto ás fréchadas. Nas *Lendas da India* a morte de Fernão de Magalhães é mais tragica. O espirito phantastico de Gaspar Corrêa compraz-se em o pintar vencedor na peleja com os

---

(1) GASPAR CORRÊA, *Lendas da India*, tomo II, parte II, pag. 631.

rebeldes insulanos, em o conduzir ovante á ilha do rei christão, e em attribuir á traição d'este a morte do capitão, contra cujos brios não seria bastante a vencêl-o todo o poderio d'aquelles barbaros, em campanha rasa e a peito descoberto. Era contra a religião patriotica dos nossos velhos chronistas historiar a morte de um heroe, prostrado em leal batalha pelos seus adversarios. Um soldado, a quem servia de melhor sáio de malha e de mais rijo escudo o prestigio e condão de portuguez, não podia ser vencido nem por grossos esquadrões de seus contrarios. Para que o desbaratassem, haviam os inimigos soccorrer-se de ciladas e perfidias. Por isso na lenda cavalleiresca de Gaspar Corrêa, o esforçado Magalhães é coroado de loiros na batalha com os feros habitantes de Matan, e depois que o esplendor das armas christans tem des-

lumbrado aquella aterrada gentilidade, vem o convivio ensanguentado pelo homicidio dos heroes trazer a peripecia d'aquelle drama [1].

Em tão desconformes testemunhos a quem devemos prestar fé? Aos historiadores sisudos, que alliaram ao espirito cultivado e á elegante linguagem melhor critica dos successos contemporaneos, ou ao soldado aventureiro, em cujas palavras desornadas transparece a escassa cultura intellectual? A resposta não póde ser favora-

---

(1) Evidentemente, Gaspar Corrêa, por um singular anatopismo, confundiu os successos de Magalhães com o que aconteceu depois da sua morte a alguns de seus companheiros, n'um logar differente d'aquelle onde se passára o ultimo recontro do illustre capitão-mór. No banquete, aonde o falso rei christão attraíu os castelhanos, ficou ferido João Serrano, e foram mortos vinte e quatro dos de sua comitiva.

vel certamente ao diligente, mas tantas vezes fabuloso historiador das coisas do Oriente [1].

---

[1] Ao referir e extractar tudo o que das *Lendas da India* se poderia appositamente citar a proposito de Fernão de Magalhães, tivemos apenas a intenção de accrescentar á lista dos auctores que d'este famoso capitão deixaram memoria em seus escriptos, o nome de um chronista, cuja auctoridade em muitos pontos se não deve menosprezar, com achaque de ser despolido o seu estilo, e quasi barbara a sua dicção habitual. Como as *Lendas das India* só ha mui poucos annos foram desentranhadas do esquecimento em que jaziam, e trazidas á luz por diligencia do nosso eruditissimo philologo, o sr. Rodrigo Felner, pareceu-nos necessario não omittir os trechos que, n'aquella volumosa collecção, diziam respeito ao nosso benemerito navegador. Sobre o credito que merece a auctoridade de Gaspar Corrêa, e sobre os erros chronologicos e fabulosos episodios com que o auctor das *Lendas* offendeu, em alguns logares de suas narrativas, a severidade da historia, veja-se a elegante e copiosa memoria que, á frente da edição, escreveu, com o modesto titulo de *Noticia Preliminar*, o academico editor, a pag. XXIX.

VII

Com o tragico successo que poz fim á vida e ás acções gloriosas de Fernão de Magalhães, fica encerrada naturalmente esta noticia que de seus feitos e descobrimentos nos propozemos escrever.

O illustre capitão ficou sepultado na ilha de Matan; mas a peregrinação da sua frota não acabou n'aquelle ponto. Não pôde o valoroso portuguez concluir inteira a empresa que planeára, e, cingindo o globo com nunca vista navegação, voltar á Europa pelo cabo da Boa-Esperança. Á gloria de Magalhães seguiu-se a gloria de um castelhano mais

feliz, João Sebastião de Elcano, que, tomando a capitania da expedição, já reduzida a uma nau, depois de correr varia fortuna, pôde vir receber na sua patria as congratulações e o galardão pela grande empresa que tivera a gloria de acabar.

Morto Fernão de Magalhães, os que ficaram por governadores da expedição foram o hespanhol João Serrano e o portuguez Duarte Barbosa. Succedeu então que, por malquerença de um escravo que fôra de Magalhães, se desaveiu o rei da terra com os castelhanos e, attraindo-os com falsas mostras de hospitalidade a um jantar que lhes tinha aprestado com grande cortezia, fez dar morte á falsa fé a vinte e quatro homens dos da frota, sendo o Serrano ferido e arrastado á praia, aonde, posto que supplicasse aos companheiros lhe acudissem n'aquelle trance, elles, com maior previ-

são do que humanidade, se fizeram de véla, havendo por melhor deixal-o acabar miseravelmente aos golpes d'aquella gente barbara, do que arriscarem-se de novo a terra tão fementida.

Para que não deixemos incompleta a historia d'esta grande e famosa navegação, que por industria e diligencia do Magalhães principiára, e até á sua morte dera já tão valiosos resultados qual era o descobrimento de dois archipelagos, e um d'elles futura e rica possessão da coroa de Castella, digamos brevemente o que succedeu á expedição depois que foi partida de Zebú.

Chegados que foram á ilha de Buhol (uma das pequenas ilhas do grupo central das Philippinas), e feito alardo da gente que levavam, acharam os da frota serem apenas cento e quinze, os quais mal chegavam a presidiar duas caravellas.

E porque iam os navios em mau estado, pelo trabalhoso da viagem, e por ser a *Concepcion* de todos os navios o que mais estragos padecêra, determinaram de queimal-a, para que os indios a não podessem aproveitar, e repartida a gente pelas duas que restavam, foram seguindo sua derrota em demanda do mar das Indias.

O nosso Gaspar Corrêa, ainda no contar a relação da expedição depois da morte do heroe portuguez, se afasta, em muitos pontos, da historia geralmente recebida, porque refere que os da armada elegeram para succeder ao Magalhães a um portuguez, a quem chama o Carvalhinho, e diz ter sido piloto da capitania; accrescentando que governára aquela navegação até ás Molucas, onde, adoecendo das grandes fadigas que ali teve, veiu depois a fallecer quando, concertada

sua nau, estava a ponto de partir. Em Zebú, e não em Buhol, refere Gaspar Corrêa que fôra queimada a nau, cujo nome não memora (1).

Saindo das Philippinas, fizeram escala por Bornéo. Tomando pilotos n'uma das ilhas d'aquelle archipelago, foram surgir nas Molucas, onde, feitos seus concertos com o rei de Tidore e outros principes d'aquellas ilhas, e carregadas as naus de especiaria, saíu a *Victoria* ao mando de Sebastião de Elcano, levando apenas cincoenta e nove pessoas de sua tripulação. Depois de correr varia fortuna, deu fundo a nau *Victoria* na ilha de S. Thiago de Cabo-Verde, aos 7 de julho de 1522, e, depois de uma grave contestação que tiveram os castelhanos

---

(1) GASPAR CORRÊA, *Lendas da India,* tomo II, parte II, pag. 631 e 633.

com os portuguezes, seguiu a nau para Hespanha, e entrou em S. Lucar a 7 de setembro do mesmo anno, trazendo apenas dezoito homens [1], porque, dos restantes, uns tinham perecido de suas enfermidades, alguns haviam padecido pena capital por seus delictos, e outros ficaram em Cabo-Verde em poder dos portuguezes.

Sebastião de Elcano, mais ditoso do que o valente e engenhoso portuguez, recebeu de Carlos V o galardão da alta façanha, e por divisa de seu brazão o moto que haveria de honrar o escudo de Magalhães, se a fortuna, sempre invejosa dos grandes homens, lhe não colhesse as vélas quando mais parecia ha-

---

[1] Gaspar Corrêa diz que foram apenas treze os homens que voltaram da expedição. *Lend. da Ind.*, tomo II, parte II, pag. 634.

ver-lh'as enfunado. Dizia a lettra, alludindo á esphera que servia de cimeira ao brazão do castelhano: *Primus circumdedisti me.* (Tu foste o que primeiro me circumdou). Com o que veiu a colher Elcano os fructos de uma empresa, cuja gloria principal ha de ser sempre tambem a do illustre portuguez.

VIII

Não ha esplendor que illuminasse já o genio de Portugal, que não viesse a emulação de estranhos escurecêl-o com uma nuvem. Nunca o sol das glorias se levantou para esta nação, que não viesse uma inveja toldar-lhe os horizontes. Nunca ceifámos uma palma, talhando-a de palmeira virgem em terra nunca d'antes visitada por europeus, que não viessem dizer-nos que era furtada. Nunca cingimos um laurel, que não o dissessem logo arrancado de outra fronte!

Fomos os primeiros que, ao sair da edade média, começámos a *dilatar a fé e*

o imperio por esses mares, aonde ninguem se aventurára, e, depois da empresa feita, ou a taxaram de facil, ou a accusaram de imitada.

Dobrámos o cabo da Boa-Esperança, e duvidaram que fossem portugueses os primeiros que ousassem affrontar as tormentas d'aquelles mares.

Descobrimos o *nónio,* origem de fecundas invenções na arte de medir espaços pequenissimos, e logo se adiantaram os francezes a opporem o seu Vernier ao nosso famigerado Pedro Nunes.

Não é pois de pasmar que tambem a gloria da primeira circumnavegação a queiram indivisa para si, os que nem sonharam a empresa antes que o exilado portuguez a delineasse.

Foi, é verdade, um castelhano o que veiu á côrte de Castella a receber o premio d'aquella inaudita navegação. Foi

Elcano o que voltou, e Magalhães o que morreu. Foi Magalhães o que recebeu as fréchadas em Matan, e Elcano o que recebeu em Madrid o parabem e galardão. Foi Magalhães a hostia d'aquelle grande sacrificio em honra da civilisação, e Elcano o que acceitou as offerendas da gratidão. Foi Magalhães o heroe d'aquella empresa memoravel, e Elcano o que se engrandeceu com as honras do triumpho.

Mas que importa que o castelhano, mais mimoso filho da fortuna, viesse addir as honras e grandezas da herança do Magalhães?

A maior parte dos trabalhos, e a melhor dos descobrimentos d'aquella navegação, quem os padeceu com animo sempre egual e varonil, quem os realisou por sua constancia e entendimento senão o benemerito portuguez?

Quem deu passos para se descobrir o Estreito? Quem partiu de Portugal para Castella, e de Castella para o Oceano, levando a crença funda e inabalavel de que ao sul do continente americano se acharia passagem para o mar Pacifico? Quem suffocou por sua fortaleza a rebeldia dos castelhanos, os quaes, por seu desanimo e tibieza, iam pondo a expedição a dois passos de seu desastroso acabamento? Quem luctou contra todas as difficuldades de uma navegação tão larga e tão trabalhada de accidentes e contradicções? Quem descobriu as ilhas Mariannas? Quem as Philippinas? Quem de entre os capitães deu primeiro o seu sangue para ser martyr da empresa e da idéa, de que fôra confessor em Portugal, prégador ardentissimo em Castella, apostolo fervente no Oceano, soldado fidelissimo em terra de gentios?

Pois aos que idearam e governaram as expedições e as levaram a bom caminho, só porque a má fortuna lhes tirou a vida, ha de vir a inveja tirar-lhes tambem os loiros? Só porque não poderam vir ao triumpho, hão de outros triumphar por elles na côrte e, o que mais é, no conceito da posteridade? Porque Newton não viveu mais cem annos para adivinhar toda a moderna astronomia, e toda a optica moderna, havemos de negar-lhe a primeira estatua? Porque Napoleão deixou ainda a Kleber no Egypto espaço para talhar um glorioso campo de batalha, é justo que tenha Kleber e não Bonaparte a maior gloria da expedição? Porque um grande homem deixa a um outro alguns sobejos da sua gloria, ha de um raio de sol valer mais que a esplendida luz de todo o astro?

Felizmente os estrangeiros mais illus-

tres respeitam em Fernão de Magalhães o auctor da primeira circumnavegação, e attribuem-lhe a gloria de haver sulcado a vez primeira as aguas do Pacifico. Não ha Estreito que tenha nome de Sebastião de Elcano. Mas ha *Estreito de Magalhães*. E hoje que os estrangeiros tem mudado muitos nomes, com que os nossos antigos navegadores attestaram a originalidade de seus descobrimentos, ha dois ainda que andam consagrados na geographia universal: o Cabo da Boa-Esperança—o Estreito de Magalhães. São as duas sentinellas que guardam o thesouro precioso das nossas tradições. Em quanto os estranhos não houverem conseguido apagar do mappa estes dois nomes gloriosos, não poderão a seu salvo expungir dos fastos modernos a memoria dos nossos descobrimentos, nem despojarnos das nossas glorias nas regiões orien-

taes e no continente americano. Isto ao menos tem de consolador os legitimos e immorredoiros monumentos. É que ainda na terra, que já não é nossa, dão brado eloquente de nossa fama.

IX

Se ha uma gloria nacional que tenha por titulos incontestaveis a grandeza de um feito sem precedente, sem exemplo na historia das antigas navegações, é sem duvida a que resulta a Portugal de haver dado o berço, de haver educado em suas armadas e conquistas, e de haver apparelhado para seus notaveis descobrimentos ao insigne e nunca bastante encarecido portuguez Fernão de Magalhães.

Foram navios castelhanos que singraram em demanda de tão suspirada

passagem do Atlantico para o Pacifico. Mas era um portuguez que ia por capitão d'aquella frota, e eram ainda idéas portuguezas, brios portuguezes, alentos portuguezes, bizarria portugueza, os que endireitavam o rumo na solidão dos mares, os que luctavam contra as insurgidas tripulações, os que pelejavam contra a ferocidade dos gentios, e que conquistaram para uma coroa estranha as Philippinas.

A divisa com que o monarcha das Hespanhas condecorou a gloria e o brazão de Sebastião de Elcano, aquelle *primus circumdedisti me,* com que se adornou a cimeira do afortunado navegador, estava talhada para ennobrecer o escudo de Magalhães. Roubou-lh'a, porém, a fortuna e a morte, para que não falhassem nem d'aquella vez os destinos de Portugal, que onde haja que dar san-

gue e vida para sellar uma nobilissima empresa de civilisação, e um alto feito de armas, primeiro sejam portuguezes os que próvem as armas dos contrarios.

Foi por este custoso mas honrado privilegio, que vieram a frustrar-se as doiradas esperanças do nosso benemerito portuguez. Saíu a pelejar em Matan. Adiantou-se a rebater o impeto e a cilada d'aquelles ferocissimos naturaes. E como quem tomava a primazia no arremesso e no valor, assim teve tambem a preeminencia no martyrio.

Mas dizei vós, os que avaliaes a gloria pelos premios, e o merito pela fortuna, vós que esperaes que o circulo seja inteiramente delineado para avaliar da perfeição e harmonia da sua figura, dizei-nos: onde estão as excellencias que recommendem á veneração da posteri-

dade e aos marmores da historia, primeiro o nome de Elcano que o appellido de Magalhães? Que anteponham Elcano, que foi obscuro em quanto passaram os principaes trabalhos d'aquella famigerada navegação, a Fernão de Magalhães, por cuja industria, diligencia e ousadia correram os cuidados e successos d'aquella perigosa e aventureira travessia de um mar para outro mar, onde não havia nem cartas, nem roteiros, nem tradições, senão a idéa sublime de um só homem a valer sósinho por armadas poderosissimas, por favores da fortuna, por enthusiasmo dos companheiros, por cega obediencia dos mareantes?

Foi porventura Elcano, que não hesitou em incorrer na taxa de filho desnatural, por mal comprehendido, para deixar a patria, que nunca se engeita sem

grandes amarguras do coração, e ir-se a Castella mendigar quatro taboas e alguns homens com que pôr-se a caminho em busca da sua terra ou do seu mar da promissão?

Foi porventura Elcano que, em Sevilha e na côrte, andou lidando por superar resistencias, por amaciar repugnancias, por induzir animos vulgares, e por isso rebeldes a toda a idéa generosa, por abrir olhos que mal alcançavam os dilatados e clarissimos horizontes, por onde se arremessou triumphante a mirada do genio, e o vôo d'estas aguias humanas que precedem na carreira os exercitos da civilisação?

Vêde e considerae quantas difficuldades não venceu a perseverança do illustre portuguez!

Que maior e mais pungente affronta do que a recebida do seu rei, quando o

despacho dos serviços e a mercê do sangue derramado é o desdem da côrte e o desprezo dos cortezãos!

E Fernão de Magalhães padeceu os opprobrios do rei e dos aulicos; e aquelle que tinha na dextra um novo mar e novas terras para engrandecer a navegação e a conquista de Portugal, foi havido por homem arrogante e de perigosas invenções, por aquelles mesmos que haviam, não longos annos, repellido os sonhos sublimes, os erros fecundos do immortal Colombo, que haviam dado de presente a Castella a maior e mais opulenta monarchia de quantas vira o mundo, desde os mais pujantes imperios da antiguidade.

Teve Fernão de Magalhães de deixar o nome e qualidade de portuguez. E pensaes que para os proprios iniciadores e instrumentos providenciaes da civilisa-

ção, com serem por indole e essencia do seu destino necessariamente cosmopolitas, não ha de ser custosa esta solemne emancipação com que saem do girão da patria, e a desherdam de seus ossos venerandos, do seu nome e das suas glorias?

E Fernão de Magalhães passou por este lance, a que o forçou aquella raça de homens que cerram as fileiras em redor dos reis, para que não lhe possam dar na vista os reflexos esplendidos do genio que se adianta para pedir o seu logar.

E Fernão de Magalhães deixou a patria. E que patria? Nada menos que Portugal, nada menos que a terra que enchia então o mundo com a sua fama, nada menos que a moderna Roma da moderna civilisação, a terra classica da gloria e da conquista por essas regiões

orientaes, ainda quasi fabulosas para o resto da Europa christan.

E deixou a patria nativa para buscar aonde a sua nova patria de adopção? Em Castella. Ahi vemos onde esteve a grandeza do sacrificio. Que desampare Portugal para se ir a outro reino, já é de si amargo para tão generoso coração! Mas que o desampare por Castella, por Castella, a inimiga jurada de Portugal n'aquelle tempo, por Castella, a émula, por Castella, em cujo odio começavam a arder no berço os peitos heroicos de Portugal! Essa foi a grande fineza que o nosso insigne portuguez votou á civilisação e á humanidade.

Tinha uma alta idéa, uma nova missão o illustre navegador. Na patria não só lhe não aprestam galeões, senão que o ameaçam quasi com as galés. Deixará esteril aquella empresa, a que mais quer

do que á vida, e o que mais é para um portuguez e cavalleiro, a propria reputação? Não póde ser.

Castella acolhe, ainda que com a hospitalidade do egoismo, os que lhe levam as páreas de uma conquista nova. Irá pois a Castella, porque tem armadas, porque aspira ao senhorio do universo, porque não engeitou a empresa de Colombo, e porque os leões do seu estandarte tremularam já nas mãos de Valboa nas plagas do mesmo mar que Fernão de Magalhães queria ser o primeiro a percorrer.

Não é facil, porém, decidir Castella. É mister luctar com Castella para a opulentar. Vem a sciencia cosmographica de Magalhães desfazer as objecções dos ministros e officiaes que intendem nas coisas do Novo Mundo.

Acabou o heroe com boa fortuna a

primeira campanha, que foi a da côrte. Já se apparelham as caravellas, já se lhes fazem prestes os bastimentos e munições. Ala! Adeus, praias das Hespanhas! Agora boa fortuna e boa viagem!

É Magalhães que dirige a frota. É elle que véla as noites no camarim, em mil sobresaltos, não lhe venha a má sorte assombrear de suas tintas negras a perspectiva ridente que se lhe afigura ao cabo de sua navegação. É elle que na tolda, por noites de aguaceiros e de tempestade, vigia impavido pelas caravellas que vão em sua armada. É elle que, chegado á bahia de S. Julião, desconcerta, com sua altiva previdencia e temerario arrojo, a conjuração dos capitães mal-avindos com o portuguez. É elle quem salva a expedição da ultima ruina. É elle que põe o peito á mais audaz empresa, cruzando pela primeira vez

o estreito que attestou para sempre com o seu nome o feito eximio do valoroso capitão. É elle quem aporta ás Philippinas, quem ajusta paz e alliança com os principes naturaes. É elle quem acommette a Matan, com maior esforço que fortuna. É elle finalmente quem rega com o seu sangue, para que seja fecundo, o archipelago que descobrira, para que sempre andasse o mundo acostumado a ver arrotear as terras da nova civilisação com o ferro de Portugal, e humedecêl-as com o sangue portuguez.

Não foi pois a gloria principal a de Elcano, senão a de Magalhães. O portuguez desbravou, arou e amanhou o torrão d'aquella empresa. O castelhano ceifou as messes que o outro fizera enraizar com os carinhos de bom agricultor.

Mas Elcano voltou, e Magalhães ja-

zeu, mal sepulto, nas arèias de uma praia brava.

Magalhães caíu, quando eram passados os trances gloriosos d'aquelle circuito aventuroso de milhares de legoas, o qual não ousariam nem sequer phantasiar como poema, os que admiraram na antiguidade os periplos de Scyllax e de Hannon, e os que contaram a famosa expedição dos Argonautas.

Os triumphos são sempre do que volta das conquistas. Mas as estatuas podem pertencer aos que ficaram nos campos de batalha. Nas empresas arduas, e quasi sobrehumanas, o ir a ellas é esforço, o voltar é fortuna.

Dir-se-ha (se póde comparar-se a navegação dos homens á navegação de Christo, e a barca da conquista terrena á barca da eterna salvação), dir-se-ha porventura que mais glorioso foi Pedro,

porque chegou a ter a sua cruz em Roma, na metropole do mundo antigo, do que Jesus Christo, porque esperou na cruz do Golgotha, em terra sujeita e conquistada? Dir-se-ha que maior foi o merito de Paulo, que o de Christo, porque o apostolo converteu mais gente do que o divino mestre, que não transpoz jámais as fronteiras de Israel? Mas onde estava Paulo, quando Christo prégava, e convertia, e ensinava, e agonisava no horto de Gethsemani, e padecia as affrontas da paixão, e morria no madeiro do supplicio, e illuminava a terra inteira com o immenso e divino clarão da sublime e sacrosancta doutrina que ensinava?

Assim de Magalhães e do seu continuador. Elcano achou-se em Bornéo, já em terra d'antes descoberta e conhecida, guia e capitão das ultimas reli-

quias de uma frota de cinco naus. Qual foi a sua missão? Conduzir ás Hespanhas os trophéos de uma batalha, os despojos de uma conquista, o roteiro de uma viagem, a fama de uma alta façanha consummada. Mais que aventuroso capitão, poderiamos chamar-lhe correio aventurado.

Desde onde Elcano tomou a capitania da expedição já não havia mares ignotos, nem terras que não fossem lustradas de portuguezes. Era tudo mundo conhecido.

Fernão de Magalhães é pois, e será sempre, o nome mais illustre de toda aquella grande e arriscada navegação.

Quando a patria se lembrar de lhe erigir estatua, para annullar generosamente a desnaturalisação do benemerito portuguez, e para amnistiar a culpa do patriotismo com a justifica-

ção da gloria, é no globo que deve figurar como o principal attributo de Fernão de Magalhães, que deve estampar-se a divisa gloriosa: *Primus circumdedisti me.*

X

APPENDICE Á BIOGRAPHIA

Foi tão grande e tão ambiciosa a gloria do nosso afamado portuguez, Fernão de Magalhães, que não se pagou apenas de deixar nos mares do Novo Mundo as immorredoiras tradições do seu feito memoravel, senão que no proprio céo assentou padrão e monumento, com que tambem nos fastos da sciencia fosse lembrado um nome já celebrado nos annaes da navegação.

Ha no mar um estreito que tem o

nome de Magalhães. Ha no firmamento duas prodigiosas *nebuloses* a que os astronomos e mareantes chamam *nuvens de Magalhães.*

«As nuvens de Magalhães, diz sir John Herschel, citado por Humboldt (1), *nubecula major* e *nubecula minor,* são objectos notabilissimos. Consta a maior de acervos estellares de irregular disposição, de outros acervos esphericos, e de estrellas nebulosas entremeadas de nebuloses irreductiveis. Parece verosimil que estas ultimas são apenas constituidas por uma especie de pó estellar (Star-dust). Mas o proprio telescopio de 20 pés não tem poder bastante para as resolver em estrellas. Produzem

(1) *Cosmos*. Trad. franc. de FAYE ET GALUSKY, tomo I, pag. 451. Extrait d'une lettre de sir John Herschel, datée de Feldhuysen, au Cap de Bonne Espérance, 13 juin 1836.

aquellas nebuloses uma claridade geral, que illumina o campo da visão, e constituem um fundo esplendido em que os outros objectos se acham disseminados. Nenhuma outra região celeste comprehende tantas nebuloses e acervos estellares no mesmo espaço. A *nubecula minor* é muito menos bella; apresenta maior numero de nebulosidades irreductiveis, e os acervos estellares, que ahi se observam, são menos copiosos e brilhantes».

«Das duas nuvens de Magalhães (diz A. de Humboldt) [1] que giram em redor do polo austral, — d'este polo tão ermo de estrellas que podia dizer-se uma devastada região — a maior principalmente parece, segundo recentes in-

---

[1] *Cosmos*, tomo I, pag. 91.

vestigações, uma espantosa accumulação de acervos esphericos de estrellas, de maior ou menor grandeza, e de nebulosidades irreductiveis. O aspecto d'estas nuvens, a resplandecente constellação do navio Argos, a via lactea que se vae dilatando entre o Scorpião, o Centauro, e o Cruzeiro tambem, atrevo-me a dizêl-o, a apparencia pittoresca de todo o céo austral, produziram na minha alma uma indelevel impressão».

N'outro logar do seu grande livro [1] accrescenta o eminente sabio prussiano: «Resta-me agora tractar com mais individuação do que deixei escripto n'outro logar, de um objecto unico no mundo dos phenomenos celestes, e que augmenta o encanto pittoresco do hemis-

---

(1) *Cosmos,* tomo III, pag. 402.

pherio austral, melhor ainda, e, relevem-me a expressão, a graça da paisagem no firmamento. As duas nuvens de Magalhães, que, segundo toda a verosimilhança, receberam *primeiro dos pilotos portuguezes, e depois dos hollandezes e dinamarquezes* o nome de *nuvens do Cabo,* captivam, como eu proprio o experimentei, a attenção do viajante, pelo seu esplendor, pelo seu isolamento que melhor as faz sobresair, e pela orbita que descrevem concertadamente em volta do polo sul, posto que a distancias deseguaes. Que o seu nome actual, *que tem evidentemente por origem a viagem de Magalhães,* não seja o primitivo por que foram designadas, resulta da expressa menção e noticia descriptiva, que da translação circular d'estas nuvens luminosas, nos legaram, o florentino André Corsali na sua *Viagem a Cochim,* e o secretario d'el-rei D. Fernando

de Aragão, Pedro Martyr de Anghiera, no seu livro *De Rebus Oceanicis et Orbe Novo*. São do anno 1515 ambas estas indicações, e foi dez annos depois que Pigafetta, companheiro de Magalhães, fallou das *nebiette* (nevoasinhas) no seu diario de viagem, referindo-se ao momento em que a nau Victoria saía do estreito da Patagonia para entrar no mar do Sul».

«Se attentamos (continúa A. de Humboldt) [1] na importancia nova e sempre crescente que foi tomando esta viagem commercial (a da India pelo Cabo) em consequencia da expedição de Vasco da Gama, e no fim commum de todas as viagens emprehendidas ao longo das costas de Africa, parecerá na-

---

[1] *Cosmos*, tomo III, pag. 406.

tural que os pilotos tenham dado o nome de *nuvens do Cabo* ás duas nebuloses que, em cada vez que o dobravam, lhes despertavam a admiração como phenomenos notaveis».

Deixando de parte a minuciosa descripção physica das duas nebuloses, que estampam no céo o nome glorioso do nosso Fernão de Magalhães, não entrando no pleito que se move entre os astronomos sobre a origem d'estes phenomenos celestes, quizemos consignar, n'estas ultimas paginas, das que sagrámos á memoria do benemerito portuguez, os testemunhos que dão aos nossos primeiros navegadores a prioridade em haverem modernamente vulgarisado e denominado as chamadas nuvens de Magalhães.

O nome com que a sciencia designou aquellas nebuloses, é o nome de

Magalhães. E o mesmo Humboldt, ao referir as palavras com que Pedro Martyr de Anghiera attribue aos portuguezes a gloria do descobrimento [1], dá a razão por que sobre o antigo nome de *nuvens do Cabo,* e sobre outros porventura de mais remota origem, prevaleceu o de nuvens de Magalhães.

«O alto renome do navegador, diz Humboldt [2], e o tempo que durou a circumnavegação de Magalhães, a qual, havendo começado em agosto de 1519, só veiu a acabar em setembro de 1522, a longa demora de uma equipagem numerosa debaixo do céo austral, escureceram

---

(1) Assecuti sunt portucalenses alterius poli gradum quinquagesimum amplius ubi punctum circumeuntes *quasdam nubeculas* licet intueri veluti in lactea via sparsos fulgores per universi cæli globum intra ejus spatii latitudinem. *Oceanica*. Dec. III, lib. I, pag. 217.

(2) *Cosmos,* tomo III, pag. 408.

a memoria de todas as anteriores denominações, e o nome de *nuvens de Magalhães* se diffundiu em todas as nações maritimas que povoam as costas do mar Mediterraneo».

Fernão de Magalhães, mais feliz do que Bartholomeu Dias e do que Vasco da Gama, conseguiu deixar o seu nome por padrão de sua fama no mar que primeiro devassou, no céo sob que passou primeiro do que nenhum outro navegador.

De Vasco da Gama sabemos que levou ao termo a tão custosa e tantas vezes intentada navegação para as Indias orientaes. Mas nem nas cartas da terra, nem nos planispherios do firmamento, deixou a sciencia estampado o seu appellido. Se no volver dos seculos, porém, se apagassem os traços profundos que a historia insculpiu nos annaes da civilisa-

ção, o nome de Magalhães, escripto no mar do sul, e gravado no céo austral, serviria de encadear a tradição, e de proclamar á posteridade a gloria immortal do insigne e mal-aventurado portuguez.

FIM

ÍNDICE

CORRECÇÕES PRINCIPAIS

Pág.	Lin.	Onde se lê:	Leia-se:
7	4	correção	correcção
58	17	*fórum*	*forum*
62	4	inquerir	inquirir
64	4	castellãs	castellans
95	2	irmãs	irmans
116	1	necropoles	necropole
126	14	tratou	tractou
150	4	Opiniou	Opinou
154	13	indireitando	endireitando
170	7	iteneraria	itineraria
188	18	aquela	aquella

Latino Coelho, José María